



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

FRANCISCA JOCINEIDE DA COSTA E SILVA

**ANÁLISE DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA BRASILEIRA SOBRE RELAÇÕES DE
GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

João Pessoa – PB
2015

FRANCISCA JOCINEIDE DA COSTA E SILVA

**ANÁLISE DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA BRASILEIRA SOBRE RELAÇÕES DE
GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção de grau de Mestre em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba.

**Orientadora: Professora Doutora Maria Eulina
Pessoa de Carvalho**

João Pessoa – PB
2015

S586a Silva, Francisca Jocineide da Costa e.
Análise da produção científica brasileira sobre relações de gênero na educação infantil / Francisca Jocineide da Costa e Silva.- João Pessoa, 2015.
90f. : il.
Orientadora: Maria Eulina Pessoa de Carvalho
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CE
1. Educação. 2. Gênero. 3. Educação infantil. 4. Estado da arte. 5. Produção científica brasileira. 6. Prática pedagógica.

UFPB/BC

CDU: 37(043)

FRANCISCA JOCINEIDE DA COSTA E SILVA

**ANÁLISE DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA BRASILEIRA SOBRE RELAÇÕES DE
GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Dissertação apresentada como requisito para
obtenção de grau de Mestre em Educação no
Programa de Pós-Graduação em Educação da
Universidade Federal da Paraíba.

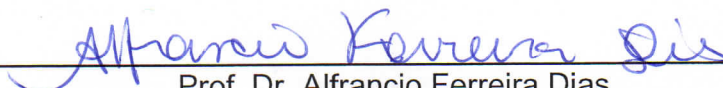
Data da apresentação: 09 / 12 / 2015.



Profa. Dra. Maria Eulina Pessoa de Carvalho
Orientadora – Universidade Federal da Paraíba



Profa. Dra. Maria Lúcia da Silva Nunes
Avaliadora interna – Universidade Federal da Paraíba



Prof. Dr. Alfrancio Ferreira Dias
Avaliador externo – Universidade Federal de Sergipe



Profa. Dra. Márcia Ondina Vieira Ferreira
Avaliadora externa – Universidade Federal de Pelotas

AGRADECIMENTOS

À minha família: minha mãe Nacioneide Alves, meu pai Arimatéia Neves, minha tia Conceição Neves, meu tio Ivaldo Sales, minhas irmãs Valéria Costa, Leide Neves e Juliana Neves Sales, e meus irmãos Henderson Jairus e Thiago Wiliam pelo incentivo, apoio e amor incondicional que me deram forças para resistir à distância, aos dias, horas e minutos intermináveis de saudade. Amo vocês!

À minha querida orientadora que é também um incentivo para a continuidade da minha trajetória. Obrigada pelo “sim” e pelo “não”, por sua disposição, por sua luta contra toda forma de discriminação, por todas as descobertas que você proporciona!

Às professoras Lúcia Nunes e Márcia Ondina e ao professor Alfrancio Dias por aceitarem participar da avaliação deste trabalho e me ajudaram a tomar as decisões necessárias para compô-lo. Muito Obrigada!

Às minhas colegas do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Ação sobre Mulheres e Relações de Sexo e Gênero (NIPAM), e de forma especial à Adenilda Moraes e Ana Cristina Rosa, pelos estudos, trabalhos e diversão. Grata!

E todas/os que de forma direta e indireta contribuíram neste processo. Muito Obrigada!

Resumo

Gênero é a primeira forma de divisão e inteligibilidade estabelecida para os corpos, sendo sua construção iniciada antes mesmo do nascimento, portanto consideramos importante a discussão sobre essa construção já nos primeiros anos escolares. O conceito de gênero, como estrutura de dominação/desigualdade foi desenvolvido na perspectiva de informar as lutas por direitos de mulheres adultas, sem que tenha sido dada suficiente atenção a suas construções na infância. Considerando a importância da contribuição científica para a prática pedagógica, desenvolvemos um *estado da arte* da produção científica brasileira sobre gênero na Educação Infantil. Nosso objetivo foi analisar as contribuições expostas, nos trabalhos levantados, para a prática pedagógica em relação às (des)construções de gênero na Educação Infantil. Nesse sentido nossas questões foram: *Como a pesquisa em gênero contribui para a Educação Infantil? Como a pesquisa educacional brasileira contribui para a compreensão e (des)construção das identidades de gênero na Educação Infantil?* Para embasamento teórico abordamos os conceitos de identidade, identidade de gênero, na perspectiva dos Estudos Culturais, e Educação Infantil no Brasil. Realizamos levantamentos bibliográficos com as palavras chave “gênero e Educação Infantil” no período de 2007-2013 em artigos publicados nas principais revistas de educação e gênero, nos GT 07 (Educação de Crianças de 0 a 6 anos) e 23 (Gênero Sexualidade e Educação) da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED) e nos anais do evento Fazendo Gênero. A análise de conteúdo foi o método escolhido para analisar a produção levantada, que computou um total de 138 trabalhos, sendo que apenas 30 interessam a este estudo, o que mostra que a produção científica sobre gênero na Educação Infantil tem avançado, mas ainda é incipiente se comparada à publicação das temáticas separadamente. O *estado da arte* vem contribuir para a construção de um banco de informações para posteriores pesquisas na temática. Concluiu-se que a pesquisa educacional brasileira em gênero na Educação Infantil tem se voltado majoritariamente para relatar como ocorrem as relações de gênero no ambiente escolar. Em um número menor, evidenciamos pesquisadores/as, docentes e instituições preocupadas com a iniquidade de gênero em seus espaços e desenvolvendo ações para superá-la, proporcionando o bem estar das crianças, a aprendizagem sobre o respeito aos diferentes de si, o desenvolvimento de habilidades e competências independente do sexo e, sobretudo, a valorização da dignidade humana.

Palavras chave: Gênero. Educação Infantil. Estado da Arte. Produção científica brasileira. Prática pedagógica.

Abstract

Gender is the first form of division and intelligibility assigned to the human body. Gender construction begins even before birth; therefore, it is important to discuss it since early school years. The concept of gender as a structure of domination/inequality was developed in order to support adult women's struggles for rights, without being given sufficient attention to gender construction in childhood. Considering the importance of scientific contributions to pedagogical practices, this dissertation presents a *state of the art* of Brazilian scientific production on gender in Early Childhood Education. The objective was to analyze the contributions of the collected works for pedagogical practice focusing on the (de)constructions of gender in Early Childhood Education. The guiding questions were: How research on gender has contributed to Early Childhood Education? How educational research has contributed to the understanding and (de)construction of gender identities in Early Childhood Education? The theoretical background included the concepts of identity and gender identity from the perspective of Cultural Studies, and Early Childhood Education in Brazil. Bibliographic survey of articles was conducted with the keywords "Gender and Early Childhood Education", from 2007 to 2013. The sources were leading journals of education and gender; the Special Interest Groups 7 (Education of Children from 0 to 6 years old) and 23 (Gender, Sexuality and Education) of ANPED – the Brazilian Education Research Association; and the proceedings of '*Fazendo Gênero*', the biggest scientific meeting on gender issues in Brazil. The method was content analysis. Among 138 works, only 30 fitted the aim of this study, which shows that scientific production on gender in Early Childhood Education has progressed but is still incipient when compared to each theme separately. This *state of the art* will contribute to a database for future research on the subject. In conclusion, Brazilian educational research on gender in Early Childhood Education has largely focused on reporting how gender relations occur in the school environment. In a smaller number, it was possible to find researchers, teachers and institutions concerned with gender inequity, developing actions to overcome it, promoting children's wellbeing, development of skills regardless of gender, learning about respect for differences, and, above all, appreciation of human dignity.

Keywords: Gender. Early Childhood Education. State of the Art. Brazilian scientific production. Pedagogical practice.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO 1	
O ESTADO DA ARTE DAS PESQUISAS EDUCACIONAIS SOBRE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	13
1.1. Os achados.....	14
1.2. O Percurso metodológico.....	24
CAPÍTULO 2	
IDENTIDADE DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	29
2.1. Identidade.....	29
2.2. Gênero é a primeira identidade atribuída ao sujeito.....	32
2.3. Construções das identidades de gênero na primeira infância a partir do RCNEI e das DCNEI.....	36
CAPÍTULO 3	
(DES)CONSTRUÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	44
3.1. Produção por sexo e região geográfica.....	44
3.2. As fontes.....	46
3.3. Grupos de Conceitos.....	48
3.4. As categorias para análise.....	50
3.5. A produção.....	52
3.5.1. Os textos dos GT 07 e 23 da ANPEd.....	62
3.5.2. Os textos do Fazendo Gênero.....	65
3.5.3. Os textos das Revistas.....	73
3.5.4. Síntese.....	75
CONCLUSÕES.....	78
REFERÊNCIAS.....	84
ARTIGOS ANALISADOS.....	88

INTRODUÇÃO

A motivação para estudar a construção da identidade de gênero na Educação Infantil vem de experiência vivenciada nesse nível de ensino, na qualidade de docente, onde observei diversas expressões referentes a papéis de gênero, por exemplo, meninas brincando com suas bonecas, meninos gostando de serem maquiados pelas meninas.

Também partiu da consideração de que é importante abordar essa temática na escola desde o primeiro nível de ensino, por ser um local de continuidade da construção de gênero iniciada na família (PAECHTER, 2009). Em ambas as instituições e seus contextos, essa construção pode ser baseada na segregação – o que é de menino e de menina – e em relações de poder calcadas em atribuições e valores dicotômicos de masculinidade e feminilidade, ou na diversidade e equidade, sendo respeitadas as peculiaridades da infância (imaginação, descobertas, criação etc.). Portanto, na Educação Infantil as crianças constroem cotidianamente suas identidades de gênero:

[...] as crianças pequenas se constroem como meninos e como meninas de forma bastante dicotômica. Isso é evidente nos primeiros anos em sala de aula, quando a necessidade das crianças sobre a clareza das fronteiras entre cada comunidade de prática para se estabelecerem como membros legítimos, os leva a fixar e a reforçar fortes distinções (PAECHTER, 2009, p. 79).

Em sala de aula, essas construções às vezes são planejadas com objetivo de separação dos sexos: por meio da organização do espaço, na diferenciação de atividades, na separação de materiais, das brincadeiras e das próprias crianças, elas vão percebendo e aprendendo que existem lugares, atividades e objetos diferenciados, permitidos para umas e proibidos para outras. Portanto, não são construções naturais e espontâneas.

Por meio de um levantamento de resumos no banco de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) no período 2007-2013 foi possível identificar o que a pós-graduação tem discutido acerca das relações de gênero na Educação infantil. Utilizando os descritores: Gênero e Educação Infantil, encontramos 40 resumos de dissertações e 13 de teses. Os temas evidenciados nos resumos foram gênero e: identidade, identidade

profissional, interações entre crianças, interação criança–docente, corpo, trabalho docente, ludicidade, currículo, família, formação docente, homens docentes, sexualidade, discurso e artefatos culturais. Nesse sentido, vimos a necessidade de estudar a produção brasileira sobre construções de gênero na Educação Infantil, possibilidade aberta pela linha de Estudos Culturais da Educação que discute essa temática, e para a qual este estudo visa contribuir e ampliar.

A Educação Infantil no Brasil foi definida como nível de ensino a partir da Constituição de 1988, mas foi com a Lei de 9.394/1996 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional que se legitimou essa definição, tornando-se a primeira etapa da Educação Básica. Atende crianças de 0 a 3 anos em creches, e 4 e 5 anos (a partir de 2009) com matrícula obrigatória (desde 2013) na pré-escola (BRASIL, 1996).

Pensando sobre o conceito de gênero, desenvolvido pela teoria feminista, como uma construção histórica, social, cultural e educacional de identidades, papéis, características e valores atribuídos a homens e mulheres e à própria ordem social, pois há lugares, objetos e trabalhos de homens e de mulheres, por exemplo, (CARVALHO, ANDRADE, JUNQUEIRA, 2009; SCOTT, 1995), compreendemos que as desconstruções de gênero implicam a construção de identidades livres e plurais, que sejam igualmente reconhecidas e valorizadas sem distinção de sexo e desvalorização das diferenças, ou seja, com equidade.

Louro (2001), analisando a proposta de “desconstrução” de Jacques Derrida, enfatiza que ela é um “procedimento metodológico” que questiona e busca intervir no binarismo, apontando que os pólos binários são interdependentes; portanto, “trabalhando para mostrar que cada pólo contém o outro, de forma desviada ou negada, a desconstrução indica que cada pólo carrega vestígio do outro e depende desse outro para adquirir sentido” (LOURO, 2001, p. 548). Os sexos (macho e fêmea) e gêneros (masculino e feminino) são pares binários, pensados assim de forma a excluir a multiplicidade de identidades. Consequentemente, as práticas educativas podem intencional formar sujeitos ou machos-masculinos ou fêmeas-femininas, excluindo a diversidade sexual e de gênero, como tem acontecido tradicionalmente.

Nosso objetivo é analisar a produção científica brasileira acerca da temática das (des)construções de gênero na Educação Infantil, e apontar as contribuições das práticas pedagógicas pesquisadas e expostas no referencial levantado para elucidá-las. Nesse sentido, buscamos fazer um *estado da arte* sobre a referida

produção guiado pelas seguintes questões: *Como a pesquisa em gênero contribui para a Educação Infantil? Como a pesquisa educacional brasileira contribui para a compreensão e (des)construção das identidades de gênero na Educação Infantil?*

As fontes foram os artigos:

- dos Grupos de Trabalhos (GT) 07 (Educação de Crianças de 0 a 6 anos) e 23 (Gênero Sexualidade e Educação) da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd) por ser a principal associação destinada à divulgação da produção científica da área de educação;
- do Fazendo Gênero, o mais importante evento sobre gênero no país;
- da Revista Brasileira de Educação, por ser organizada pela ANPEd,
- das revistas Cadernos de Pesquisa, Educação e Realidade, Educação e Sociedade, Estudos Feministas e Cadernos PAGU por terem como foco principal a divulgação da pesquisa sobre educação e/ou gênero, privilegiando a produção brasileira, bem como por todas serem indexadas na Scientific Electronic Library Online (SciELO) e terem avaliações no extrato superior (Qualis A1) da CAPES.

O período de recorte é 2007-2013 e justifica-se pela existência de revisão bibliográfica anterior, no período 1998-2006, realizada pelo “Grupo de Pesquisa CNPQ: Currículo Transversal nas Interações Escola-Família-Comunidade e na Prática Docente” que atualmente é intitulado de “Educação, Diversidade e Inclusão”. Essa revisão teve como foco gênero, sexualidade e organização dos espaços na Educação Infantil. Encontrou trabalhos que investigaram sobre o uso de filmes e bonecas na construção das identidades, a prática pedagógica e a reprodução de estereótipos, a formação de professoras, a presença de professores no cuidado da primeira infância, os cenários da Educação Infantil, o lúdico e o corpo (MELO, 2007).

Nossos objetivos específicos foram realizar levantamento, mapear, selecionar e analisar a produção encontrada. Utilizamos a Análise de Conteúdo, por focar no significado da mensagem e em sua relação com o contexto a que se refere (BAUER, 2014; FRANCO, 2012; BARDIN 2011). Portanto, esta é uma pesquisa bibliográfica de abordagem quanti-qualitativa com a utilização dos seguintes procedimentos:

- Levantamento bibliográfico de artigos nas fontes citadas;
- Mapeamento das referências por meio de um quadro analítico, classificando-as por ano e temáticas de estudo apresentadas em seus resumos;

- Seleção dos textos para análise por meio dos seguintes critérios: trabalhos empíricos sobre gênero desenvolvidos em instituições de Educação Infantil, realizados e publicados no Brasil, enfocando as práticas pedagógicas;
- Análise de conteúdo usada para analisar os dados dos trabalhos quanto a: referenciais teóricos, abordagens metodológicas e contribuições para a prática pedagógica.

No primeiro capítulo apresentamos um levantamento de trabalhos que utilizaram o estado da arte para apontar o que se tem produzido nas temáticas de gênero e Educação Infantil destacando, assim, a relevância da construção deste estudo para a produção do conhecimento.

No segundo capítulo tentamos responder teoricamente à questão: *Como a pesquisa em gênero contribui para a Educação Infantil?* revisamos o conceito de identidade e de gênero na perspectiva dos Estudos Culturais; abordamos a Educação Infantil no Brasil por meio das bases legais; e discutimos a construção das identidades de gênero nas creches e pré-escolas conforme o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (RCNEI) v. 2 (Formação Pessoal e Social) e as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (DCNEI).

No terceiro capítulo apresentamos o percurso metodológico da pesquisa, e no quarto capítulo buscamos responder a segunda questão: *Como a pesquisa educacional brasileira contribui para a compreensão e (des)construção das identidades de gênero na Educação Infantil?* Nele apontamos os resultados e discussões dos textos analisados. As conclusões fornecem um apanhado das análises e propõem novas pesquisas, destacando a importância do estudo das relações de gênero na Educação Infantil.

Entendemos que podemos contribuir, através desta dissertação, para a valorização da pesquisa bibliográfica sistemática e rigorosa, para o aumento da produção desse tipo de estudo, e para a elaboração de um referencial que auxilie pesquisas posteriores, na identificação de forma mais rápida e clara do que tem sido e do que ainda pode ser objeto de estudo sobre gênero na Educação Infantil.

CAPÍTULO 1 – O ESTADO DA ARTE DAS PESQUISAS EDUCACIONAIS SOBRE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL¹

Quais as contribuições que um *estado da arte* traz para a educação? Uma vez que não se desenvolve empiricamente (na escola), pode ser (in)compreendido como de pouca contribuição ou nenhuma. Esse tipo de trabalho é de grande utilidade e valor para a pesquisa por apontar as diversas práticas pedagógicas, embora não seja realizado com frequência. Assim, antes de partir para o nosso *estado da arte*, julgamos imprescindível buscar *estados da arte* anteriormente realizados em educação, Educação Infantil e gênero para destacar o que se tem produzido nessas temáticas, as características dos trabalhos e fundamentar a importância da realização dessa pesquisa.

O levantamento foi realizado em todas as fontes utilizadas nesta dissertação, os GT 07 (Educação de Crianças de 0 a 6 anos) e 23 (Gênero, Sexualidade e Educação) da ANPEd, o Fazendo Gênero e as revistas entre 2007-2013, período de recorte da mesma. Também utilizamos o site de busca Google, usando as palavras chave “estado da arte, gênero e educação”, sem recorte temporal. É evidente que não é o indexador ideal para um trabalho de dissertação, porém é um dos mais acessados para pesquisas acadêmicas. Nesse sentido, nos posicionamos como um público que gostaria de ter um primeiro acesso a esses trabalhos, e buscamos identificar que resultados o site oferece.

Ferreira (2002) e Romanowski e Ens (2006) destacam algumas características para realizar a pesquisa do tipo estado da arte. Uma delas é o tempo e o espaço em que os estudos analisados foram desenvolvidos. O recorte temporal e espacial é necessário porque as análises feitas referem-se a concepções e práticas presentes em determinados contextos sociais, políticos, econômicos, culturais etc. Outra característica é o recorte temático, pois serve para definir e delimitar o que se busca mapear, possibilitando aos/às pesquisadores/as ou fazerem análises aprofundadas, ou realizarem um panorama amplo sobre determinados temas. Ambas as características estão relacionadas com o tempo que o/a

¹ Parte deste capítulo foi apresentado e publicado nos anais do 18º Encontro Nacional da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre a Mulher e Relações de Gênero – REDOR em novembro de 2014.

pesquisador/a terá para fazer os levantamentos e análises, e com a quantidade de colaboradores/as envolvidos/as no trabalho.

A escolha das fontes em que são feitos os levantamentos é importante para dar confiabilidade ao trabalho, uma vez que se espera rigorosidade destas nas avaliações das produções que publicam. É necessário também ser definida a forma como são levantadas as referências, pois delimita e norteia as buscas, levando já a uma seleção e exclusão do que não é necessário. Geralmente essas procuras dão-se por palavras chave nos trabalhos completos ou nos títulos e resumos, porém pode ocorrer de, ao eleger os descritores, algumas referências que abordam as temáticas em estudo deixarem de ser catalogadas por não apresentarem a palavra de busca.

O fato de não envolver sujeitos (como objeto de pesquisa) não retira a necessidade de uma postura de respeito do/a pesquisador/a, pois ao analisar as referências é preciso ser fiel ao que foi encontrado, não distorcer informações para atender a um interesse particular e tratar com seriedade e rigorosidade as análises, garantindo confiabilidade aos/às leitores/as.

1.1. Os achados

O levantamento foi realizado entre maio e junho de 2013, quando da elaboração do projeto de dissertação, nas fontes nela incluídas com as palavras chave “gênero, educação infantil”, e atualizado em agosto de 2014, resultando em um total de apenas 8 trabalhos na ANPEd, Fazendo Gênero e revistas. Também apresentamos as publicações encontradas na busca realizada no Google em agosto de 2014 com as palavras chave “estado da arte, gênero, educação”. Dentro dos 29 textos encontrados, fizemos outro recorte com o descritor “educação infantil” e apenas 5 referiam-se à temática. Em ambas as fontes usamos o mesmo recorte temporal (2007-2013). Para uma melhor visualização organizamos os trabalhos encontrados por ordem alfabética do sobrenome do/a autor/a no quadro abaixo com suas informações principais.

Quadro 1: Trabalhos sobre levantamentos bibliográficos

Autoria	Título	Local e ano de publicação	Tipo de publicação	Palavras chave
AMORIM, Karen; SANTOS, Litza; PEREIRA, Flávia; PACHECO, Lílian	Características da produção acadêmica sobre relações de gênero na educação infantil.	61ª Reunião Anual da SBPC, UFAM. 2009	Resumo expandido	Produção acadêmica. Educação infantil. Relações de gênero.
BÖHM, Bianca; CAMPOS, Míria	Atuação de professores homens na educação básica: um estado da arte sobre a produção acadêmica.	Horizontes – Revista de Educação, Dourados-MS. 2013.	Artigo	Educação Básica. Gênero. Estado da arte
CORDAZZO, Scheila; MARTINS, Gabriela; MACARINI, Samira; VIEIRA, Mauro	Perspectivas no estudo do brincar: um levantamento bibliográfico.	Aletheia. 2007	Artigo	Brincar. Desenvolvimento. Brincadeira.
FERREIRA, Márcia; NUNES, Georgina	Panorama da produção sobre gênero e sexualidades apresentada nas reuniões da ANPED (2000-2006)	33ª Reunião Anual da ANPED, Caxambu-MG. 2010	Artigo (GT 23)	Relações de gênero. Sexualidades. ANPED.
FERREIRA, Márcia; NUNES, Georgina, KLUMB, Márcia	As temáticas gênero e sexualidades nas reuniões da ANPED de 2000 a 2006	Revista Brasileira de Educação, v. 18, n. 55, 2013	Artigo	Relações de gênero. Sexualidades. ANPED. Produção Científica.
FERREIRA, Márcia; KLUMB, Márcia; MONTEIRO, Maria Cecília	Mapeando a produção sobre gênero e sexualidades da ANPED	Fazendo Gênero 10, Florianópolis 2013	Artigo	Gênero. Sexualidades. ANPED.
MARTINS FILHO, Altino José	Jeitos de ser criança: balanço de uma década de pesquisas com crianças apresentadas na ANPED	33ª Reunião Anual da ANPED, Caxambu-MG. 2010	Artigo (GT 07)	Educação infantil. Metodologia. Pesquisa
MORUZZI, Andrea; OLIVEIRA, Fabiana de	A sociologia da infância no Brasil – algumas temáticas nas publicações de 1970 a 1990.	34ª Reunião Anual da ANPED. Natal-RN. 2011	Pôster (GT 07)	Infância. Criança. Sociologia da infância brasileira.
SANTOS, Heliany	A produção científica sobre o brincar entre meninos e meninas na educação infantil: rompendo fronteiras e construindo novas perspectivas para a diversidade	Fazendo Gênero 10, Florianópolis 2013	Artigo	Produção científica. Brincar. Gênero. Educação Infantil.
SILVA, Isabel; LUZ, Iza; FARIA FILHO, Luciano	Grupos de pesquisa sobre infância, criança e educação infantil no Brasil: primeiras aproximações	Revista Brasileira de Educação, v. 15, n.43, 2010	Artigo	Educação Infantil. Infância. Criança. Grupos de Pesquisa.
SIMÃO, Márcia Buss.	Concepções de corpo, infância e educação na produção científica brasileira (1997-2003).	31ª Reunião Anual da ANPED, Caxambu-MG. 2008.	Artigo (GT 07)	Corpo. Infância. Educação. Produção científica.

Fonte: Levantamento da autora

Iniciamos as análises com os trabalhos publicados nas fontes desta dissertação. O primeiro é o de Ferreira e Nunes (2010) apresentado no GT 23 (Gênero, Sexualidade e Educação) da ANPED. As autoras tiveram como objetivo principal “realizar um mapeamento dos trabalhos de pesquisa apresentados na

ANPED que se ocupam dos temas ‘relações de gênero’ e ‘sexualidades’” (p. 1). O recorte temporal foi o período de 2000-2006 por terem utilizado a página virtual da ANPEd para coletar os dados, na qual as reuniões que estão disponíveis são a partir da 23ª (ano de 2000). O período foi dividido em dois momentos para análise, o antes e o depois da criação do GT 23.

Como fonte as autoras utilizaram todas as seções da ANPEd: Grupos de Trabalho, Grupos de Estudo, Trabalhos Encomendados, Pôsteres, Sessões Especiais, Sessões Conversas, Colóquio ANPEd/CLACSO, comparando um número total de 1518 trabalhos, entre 2000-2003, e 1542 trabalhos entre 2004-2006 (p. 2). Tiveram como base para análise alguns estados da arte realizados em períodos anteriores sobre a mesma temática “que tinham por pretensão conhecer as tendências gerais da produção a respeito” (p. 2), sendo esta uma das contribuições que esse método proporciona. Também classificaram os trabalhos em dois grupos: os que apresentaram gênero como ferramenta principal e os que o abordaram como secundária. A partir dessa classificação subdividiram ainda em outras temáticas de acordo com os objetivos dos textos, porém essas análises não foram apresentadas no artigo.

As autoras apresentaram como resultados os dados referentes à quantidade de trabalhos produzidos em cada GT, fazendo análise percentual comparando os dois períodos citados. Destacaram o perfil profissional dos/as autores/as (a maioria mulheres), as instituições de origem dos trabalhos, relacionando-as ao financiamento (ou a falta dele) e aos grupos de pesquisa referentes às temáticas de gênero e sexualidade presentes nas instituições.

Por fim, apresentaram pontos que precisam ser estudados em suas especificidades e que não faziam parte de seus objetivos, e sugeriram a sua produção como referência para iniciar novas pesquisas. Por exemplo, analisar trabalhos que tragam “gênero como principal ferramenta de análise” (p. 14); os procedimentos metodológicos e sujeitos das pesquisas; os temas investigados e a relação com o período histórico. Nesse sentido, o interesse da nossa pesquisa versa sobre um tema e sujeitos específicos, que é analisar a (des)construção da identidade de gênero na Educação Infantil expressa na produção científica brasileira.

Posteriormente à publicação do texto acima na ANPEd, Ferreira, Nunes e Klumb (2013) ampliaram algumas informações e publicaram na Revista Brasileira de Educação. A ampliação referiu-se à apresentação mais detalhada dos dados em

tabelas, bem como do percurso da pesquisa. Vale evidenciar que as autoras usaram estados da arte anteriores para fundamentar sua produção e comparar os resultados, os quais não foram tão diferenciados.

Ferreira, Klumb e Monteiro (2013) publicaram no *Fazendo Gênero* 10 resultados da continuidade das pesquisas acima. Analisaram todas as modalidades de publicação da ANPEd de todos os GT no período de 2004 a 2010 (após a criação do GT 23). O foco foi evidenciar a produção sobre gênero por GT, autoria, instituições e grupos de pesquisas relacionados.

As autoras destacaram que houve aumento da produção sobre gênero após a criação do GT 23, e que essa produção parte de grupos de pesquisa da área, consolidados e cadastrados no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Evidenciaram que as autorias são em sua maioria feminina, sendo que os autores discutiram mais sobre sexualidade do que gênero. A concentração da produção e dos grupos de pesquisa foi nas regiões Sudeste e Sul, seguidas do Nordeste, Centro-Oeste e Norte. Segundo as autoras, a hipótese para explicar essa concentração baseia-se na “distribuição de recursos e da produtividade em pesquisa” (p. 6).

O quarto trabalho, do ano de 2010, é o de Martins Filho, apresentado no GT 07 (Educação de Criança de 0 a 6 anos). Em 2010 a reunião da ANPEd teve como tema o balanço dos dez anos de produção, e por isso, muitos dos trabalhos desenvolveram-se nessa vertente. O objetivo do autor foi identificar as perspectivas teórico-metodológicas das pesquisas realizadas com crianças da Educação Infantil que visaram investigar a constituição do jeito de ser criança pela própria criança. Sua fonte foi o GT 07 da ANPEd, segundo o autor, por ser a “mais importante reunião científica de pesquisadores da área de Educação” (p. 2-3), e as referências foram todos os trabalhos completos e pôsteres do GT.

O recorte temporal usado foi o período de 1999-2009 justificado pela efervescência das discussões da temática da Educação Infantil, tanto legalmente como no campo da pesquisa. O autor aponta que, como contribuição, sua pesquisa “possibilitará oferecer um panorama que represente a produção nacional sobre a temática em questão, já que concordamos que os procedimentos metodológicos ocupam um lugar central e decisivo em qualquer investigação” (p. 3).

Para realizar a busca, o autor usou os descritores “pesquisa com crianças, práticas de pesquisa, criança e pesquisa, metodologias de pesquisa, procedimentos

metodológicos, metodologias com crianças, sociologia da infância e crianças” (p. 4), tendo encontrado um número de 193 trabalhos. Depois da leitura, foram selecionados 25 para análise. Sobre a perspectiva metodológica o autor identificou que a maioria dos trabalhos adotou o estudo de caso, fazendo uso das técnicas da etnografia (registros fotográficos e escritos, filmagens, observação participante, desenhos das crianças). Cada um desses elementos foi analisado pelo autor no decorrer do trabalho.

Acerca das perspectivas teóricas dos trabalhos foi identificada a sociologia da infância, a histórico-cultural e a foucaultiana. A partir dessa identificação o autor constatou o surgimento de temas que desencadearam as pesquisas, sendo um deles as questões de gênero na Educação Infantil. Como não fazia parte do seu objetivo, não trouxe detalhes de nenhum desses temas. Durante todo o texto o autor, fez análises de diversos pontos em comum encontrados nas referências, como: a concepção de criança e a importância de dar voz às crianças.

Moruzzi e Oliveira (2011) apresentaram um mapeamento inicial em formato de pôster no GT 07, referente a uma pesquisa em andamento, contudo, não informaram que tipo de pesquisa. O objetivo do trabalho era identificar as origens da sociologia da infância no Brasil, buscando apresentar “quem fala e o que se fala sobre a criança e a infância dentro de um determinado período que se considera constituinte da sociologia da infância, de modo que se possa compreender a especificidade da Infância e da criança brasileira” (p. 2). Apresentaram duas concepções de infância como as mais discutidas, a psicológica e a sociológica.

Fizeram um levantamento no período de 1970 a 1990; o período inicial é justificado pelo início da publicação no Brasil sobre o tema. Não apontaram as fontes nem os tipos de obras, porém, pelo objetivo do trabalho subentende-se que foram todas as produções do período. Usaram análise do discurso para estudar as obras. Organizaram seus achados em temas principais, cada um com um grupo de temas secundários, porém apenas apresentaram as temáticas que foram o foco das publicações, dentre elas gênero e Educação Infantil, ambas discutidas enquanto política pública conquistada por meio dos movimentos sociais, especialmente o movimento feminista. É possível que, devido ao formato do trabalho, as autoras não tiveram condições de apresentar com mais detalhes seus resultados.

O sexto texto do grupo das fontes desta dissertação é o de Santos (2013), que objetivou analisar produções sobre o brincar entre meninos e meninas da

educação infantil para identificar as perspectivas teóricas, avanços e contribuições das discussões de gênero no âmbito escolar. O corpus foi “Trabalhos de Conclusão de Curso em Pedagogia (presencial) e Especialização em Gênero e Diversidade na Escola (EaD) do Campus Catalão/UFG no período de 2010 a 2012” (p. 3) que tiveram metodologia empírica. Porém, as escolhas sobre o corpus e período não foram justificadas.

A autora fez um breve apanhado sobre infância na perspectiva sociológica. Acerca das identidades de gênero, tratou-as como um processo social que se desenvolve por meio das relações de poder, atribuindo características e papéis diferenciados para homens e mulheres. No que se refere ao brincar, a autora destaca que é uma ação que está presente no desenvolvimento da criança e uma forma de imitar a realidade e, portanto, pode contribuir para a construção das identidades de gênero.

A autora não apresenta o percurso metodológico. Nos resultados o brincar aparece com uma forma de controle e reprodução das identidades de gênero binárias por parte das instituições e professoras. Não houve discussão sobre a perspectiva teórica utilizada nos textos analisados, conforme anunciado.

Silva, Luz e Faria Filho (2010) fizeram um mapeamento dos grupos que pesquisaram sobre infância, criança e Educação Infantil em 2008 na área da educação, com o objetivo de apresentar como esses grupos vêm se constituindo. As fontes usadas foram o Diretório de Grupos de Pesquisas do CNPq, Plataforma Lattes o Caderno de Indicadores dos Programas de Pós-graduação em Educação relativos ao ano de 2006 da CAPES, com a justificativa de serem órgãos importantes para a institucionalização das pesquisas no Brasil. Os descritores foram inicialmente “infância, criança e educação infantil”, e posteriormente ampliaram para “criança de 0 a 6 anos, creche, cultural infantil, pré-escola, educação pré-escolar, infantil e criança pequena”.

A área de conhecimento com maior número de grupos registrados foi a Educação, com 182. A partir desse resultado as autoras e o autor usaram como critério de exclusão analisar somente os grupos da área da educação que contivessem um dos descritores “infância, criança e educação infantil” em seus títulos ou palavras chave. O resultado final foi de 150 grupos analisados. Destacaram a quantidade de grupos por região geográfica, o Sudeste com maior registro, o Nordeste em terceira posição. Identificaram os temas abordados pelos

grupos a partir da quantidade de aparições. O tema gênero apareceu sete vezes, corpo nove vezes e sexualidade quatro vezes. Não houve comentários sobre isso.

Destacaram ainda os grupos que tiveram como foco de pesquisa a Educação Infantil especificamente. Dentro dos 150 apenas 70 encaixaram-se nesse recorte. Identificaram que as autoras mulheres lideravam esses grupos (80%) a maioria, com doutorado. Apesar de não tecerem comentários sobre o resultado, podemos levantar a hipótese de que essa liderança feminina está ancorada na cultura da “educação das crianças pequenas ser de responsabilidade das mulheres”. Identificaram também que não havia nenhum programa de pós-graduação com linha de pesquisa específica para Educação Infantil.

O último trabalho do grupo das fontes desta dissertação é de Simão (2008), também apresentado no GT 07 da ANPEd, que é um recorte de sua dissertação e das produções dos grupos de pesquisas de que participou. A proposta da autora foi buscar

na produção científica, nas pesquisas realizadas sobre infância em diversas áreas do conhecimento identificar as concepções de corpo, criança e educação, objetivando, com isso, promover a ampliação da indagação teórica em torno dos mundos sociais, educacionais e culturais da infância, particularmente no que se refere a sua dimensão corporal (SIMÃO, 2008, p. 1).

Seu recorte temporal foi o período 1997–2003, mas não o justificou. Usou como fonte o banco de dados da CAPES no qual fez análise do conteúdo de 18 dissertações de várias áreas: Educação, Antropologia, Psicologia, Educação Física, Pediatria, Enfermagem e Ciências da Computação. A autora considera relevante a discussão sobre corpo da infância devido às pesquisas recentes trazerem a concepção de infância desenvolvida no período moderno, mas não colocam o corpo em pauta, portanto, justifica que essa discussão é necessária por entender que o corpo também é “uma produção cultural e social” (p. 2).

O referencial teórico utilizado nos trabalhos analisados por Simão foi composto de “estudos de orientação histórico-cultural, contribuições da Sociologia da Infância, da Antropologia da Criança e demais campos que estudam a infância, buscando um cruzamento multidisciplinar na abordagem da relação corpo, infância e educação” (p. 3). A autora fez uma divisão prévia dos trabalhos em três categorias: corpo, criança e educação. A partir dessas surgiram outras subcategorias que foram

delineando o percurso da pesquisa. Como técnica, usou a análise de conteúdo. Elaborou alguns quadros para melhor visualização das categorias e suas subcategorias. E por fim fez análises das concepções, primeiro de cada categoria separadamente, em seguida das três categorias interseccionadas.

Das produções apresentadas acima apenas uma teve como foco a construção de gênero na Educação Infantil. As demais, porém, foram destacadas por: apresentarem temas que têm relação com o nosso, por exemplo, sexualidade, corpo, construção de identidades; e, principalmente, por utilizarem o mesmo percurso metodológico que estamos utilizando.

Passamos agora para os trabalhos encontrados no Google. O primeiro é o de Amorim et al. (2009), um resumo expandido que teve como objetivo mapear as produções sobre relações de gênero na Educação Infantil. Seu recorte temporal foi o período 1990–2003, e as fontes foram 9 periódicos da área de Educação qualificados pelo Qualis-CAPES com conceito A no ano base de 2003. Inicialmente destacaram a importância de discutir sobre a sexualidade infantil na escola, e assim justificaram sua pesquisa. Fizeram o levantamento das obras a partir de descritores relacionados à infância, educação infantil e gênero presentes nos títulos, resumos e/ou palavras chave. Os enfoques para as análises foram a quantidade da produção, a autoria, a abordagem teórico-metodológica e análise dos/as próprios/as autores/as sobre os estudos realizados.

Encontraram um total de 183 produções, mas apenas 14 abordavam a temática em estudo, publicadas em somente 3 dos 9 periódicos analisados. Apresentaram os principais temas das publicações, as correntes teóricas e as metodologias utilizadas. Diante dos achados, as autoras concluíram que a formação de professores/as nas temáticas de gênero na Educação Infantil precisa ser efetivada para haver mais conhecimento teórico e expandir sua produção, e que é necessária uma aprendizagem da família sobre a sexualidade infantil. Propõe que escola e família devem trabalhar juntas para a “boa” formação em gênero e sexualidade das crianças. Talvez pela limitação do formato resumo expandido, não observamos proposições práticas para o trabalho conjunto da família e escola que elas sugerem, bem como para a discussão teórica mais aprofundada sobre a formação de educadores/as nas temáticas.

O segundo texto é de Böhm e Campos (2013), um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso (Pedagogia), que teve como objetivo fazer um mapeamento

sobre as “produções acadêmicas nacionais acerca da atuação de professores homens na Educação Básica” (p. 59). Iniciaram o trabalho com uma breve abordagem teórica sobre as temáticas de gênero e da historicização da profissão docente destacando a transição dos sexos predominantes nessa profissão (inicialmente o masculino e depois o feminino). As autoras enfatizaram que a contribuição de seu trabalho é “o levantamento das produções que discutem o lugar do masculino dentro de uma carreira considerada eminentemente feminina, principalmente referindo-se à Educação Infantil e aos primeiros anos do Ensino Fundamental” (p. 60).

O levantamento da produção foi delimitado em torno da publicação no Brasil e com as palavras chave Educação, Gênero, Homens, Masculinidade, Educação Básica. As fontes foram vários bancos de teses, o banco de teses e dissertações da CAPES, periódicos, anais de eventos, mas não informaram quais. Inicialmente o tempo foi delimitado entre 2008 e 2011, porém o número de publicações encontradas foi escasso e, portanto, o período foi alargado. Encontraram um total de 16 trabalhos publicados entre 1993 e 2011. Usaram quadros para organização dos dados em relação a título, ano, tipo de produção, autoria e regiões de produção. Elaboraram gráficos para analisar os níveis de ensino em que mais foram realizadas as pesquisas, produção por ano, por região geográfica, e por metodologia de pesquisa.

Sobre Educação Infantil o trabalho abordou a quantidade de produção desenvolvida nesse nível de ensino, que foi de 7 trabalhos, sendo 5 só com a Educação Infantil e 2 em conjunto com o Ensino Fundamental, ou seja, quase a metade da produção total. Em relação a isso as autoras destacam que: “evidencia-se que as discussões existentes referem-se à educação de crianças pequenas, ou seja, por ser uma etapa da educação ligada ao cuidado e associada culturalmente à docência feminina, questiona-se mais sobre a presença dos homens” (p. 67).

O terceiro trabalho é o de Cordazzo et al. (2007), que objetivou “identificar as perspectivas no estudo do brincar” e “oferecer um panorama do que vem sendo pesquisado sobre o tema” (p. 123). Suas fontes foram os resumos de artigos da área de Psicologia publicados em três bases de dados, duas nacionais e uma internacional. O levantamento foi realizado por meio das palavras chave nas bases nacionais: “brincar, brinquedo, brincadeira” em todos os campos do resumo, e “play, toy” para a base internacional no campo key words. As categorias de análise

utilizadas foram “características dos sujeitos estudados, métodos utilizados e aspectos investigados relacionados com a brincadeira” (p. 123). Encontraram 194 resumos no período de 1980 a 2005, e foram estudados 181 que consideraram o brincar como objeto de estudo.

Os trabalhos foram organizados em categorias diversas, entre elas uma de “Temas de Investigação” que teve como alguns dos temas Gênero e Brincar na Educação. Esses temas não estavam interligados e foram analisados separadamente. No caso de Gênero, encontraram que era investigado com fim de explicar as construções de papéis de gênero por meio do brincar, e no tema Brincar na Educação apresentaram a brincadeira como uma contribuição para a aprendizagem. Em relação à Educação Infantil destacaram que o número maior de trabalhos foi desenvolvido com crianças da faixa etária referente a esse nível de ensino, mas o campo de pesquisa foi diverso, não só a escola. Nesse sentido, as pesquisas encontradas não enfocaram construções de gênero na Educação Infantil.

Consideramos importante apresentar esses trabalhos como alguns exemplos da utilização do estado da arte nas temáticas que estamos abordando para identificarmos a produção existente. Vale ressaltar que nosso objetivo não foi fazer análise aprofundada do conteúdo de cada texto, mas apresentar um levantamento que nos ajudasse na fundamentação desta dissertação.

São referências que fizeram um balanço anterior sobre as temáticas e períodos de nossa pesquisa e, portanto, não podem ser desconsideradas, mesmo que, a maioria, tragam gênero e Educação Infantil de forma separada. É evidente que se usarmos outros descritores e outras fontes de indexação encontraremos outros resultados que talvez pudessem ser utilizados aqui, no entanto, é necessário também fazer recortes e escolhas para compor um trabalho desse porte, já que não é nosso objetivo esgotar as buscas e análises sobre os temas em tela.

Ao recuperar os estados da arte precedentes ao nosso, verificamos a existência de poucas pesquisas sobre gênero na Educação Infantil, e que não há propriamente um estado da arte sobre essa temática. Vianna et al. (2011) apontaram também que, apesar do crescimento da produção sobre gênero e educação, o diálogo entre as duas áreas ainda é incipiente. Todavia, acreditamos na necessidade e relevância do estado da arte em gênero na Educação Infantil, pois entendemos que é preciso conhecer essa produção para legitimar a preocupação

pedagógica com as (des)construções das identidades de gênero, que se iniciam desde a mais tenra idade.

Visto que o estado da arte não se dá por meio de um trabalho empírico, ou seja, não faz intervenções em espaços e culturas educacionais, nem tampouco os observa para fazer descrição da realidade; visto também que ele possibilita apresentar uma visão ampla de uma temática sem necessariamente fazer análises aprofundadas, desenvolvem-se argumentos sobre ele como um método de menor valor em relação aos demais por não trazer resultados práticos e, portanto, poderia não ser de grande contribuição científica para a educação. Cabe a nós pesquisadores/as apontar sua utilidade e necessidade para fazer a “memória da educação”.

Charlot (2006) ao trazer a discussão sobre a constituição da educação como disciplina específica (campo de saber específico) independente de outros campos, aponta que um dos fatores necessários para essa constituição é elaborar uma memória da educação, pois essa é uma de suas principais carências. Assim, o autor afirma: “a principal consequência disso é que refazemos continuamente as mesmas teses, as mesmas dissertações, sem sabermos o que foi produzido anteriormente” (p. 17).

A construção de uma “memória da educação” pode possibilitar a criação de metodologias de investigação próprias para a área, a construção de teorias específicas oriundas dos processos educacionais e a orientação de políticas e práticas com vistas ao avanço da inclusão escolar e à melhoria da qualidade da educação. Nesse sentido, o estado da arte contribui para a construção dessa memória à medida que produz um banco de dados sobre as produções na e para a educação, dando uma visão de suas necessidades e dos desafios que precisam ser superados.

1.2. O percurso metodológico

Consideramos pertinente abordar neste capítulo a metodologia utilizada nesta dissertação por ter sido um percurso próximo ao utilizado no levantamento anteriormente apresentado.

O Estado da Arte consiste em uma revisão bibliográfica sobre a produção de determinada temática em uma área de conhecimento específico, na qual busca identificar que teorias estão sendo construídas, quais procedimentos de pesquisa

são empregados para essa construção, o que não está em discussão e precisa ser enfocado, os referenciais teóricos utilizados para embasar as pesquisas e qual sua contribuição científica. Portanto, o objetivo do Estado da Arte é fazer um levantamento, mapeamento e análise do que se produz considerando áreas de conhecimento, períodos cronológicos, espaços, formas e condições de produção (FERREIRA, 2002; ROMANOWSKI E ENS, 2006).

Considerando a importância dos estudos de gênero e suas contribuições para a educação, temos como problemática a produção e disseminação do conhecimento sobre as construções da identidade de gênero na Educação Infantil no Brasil. Nossas questões de pesquisa foram: *como a pesquisa em gênero contribui para a Educação Infantil? Como a pesquisa educacional brasileira contribui para a compreensão e (des)construção das identidades de gênero na educação infantil?*

Nosso objetivo principal foi analisar a produção científica brasileira (em artigos da área educacional e dos estudos de gênero) sobre as relações de gênero na Educação Infantil com vistas a identificar contribuições das práticas pedagógicas para (des)construção das identidades de gênero naquele nível de ensino.

Nossas fontes foram: artigos disponibilizados na página virtual dos GT 07 (Educação de Crianças de 0 a 6 anos) e 23 (Gênero, Sexualidade e Educação) da ANPEd, do evento Fazendo Gênero, das revistas Cadernos de Pesquisa, Educação e Realidade, Educação e Sociedade, Estudos Feministas, Cadernos PAGU e Revista Brasileira de Educação. Optamos por analisar artigos – e os trabalhos da ANPEd e do Fazendo Gênero são tratados aqui como artigos – pelo rigor de avaliação antes da sua publicação, o que lhes atribui confiabilidade.

Os levantamentos foram realizados utilizando os descritores Gênero, Educação Infantil. Os critérios de exclusão na primeira fase do levantamento foram: os termos constar nos títulos, ou resumos ou palavras chave e a pesquisa ter sido realizada e publicada no Brasil. Como nosso objeto de estudo são as contribuições das práticas pedagógicas para as (des)construções das identidades de gênero na Educação Infantil, na segunda fase acrescentamos mais um critério de exclusão que foi a pesquisa ser empírica, ou seja, realizada em instituições de Educação Infantil com foco nas ações pedagógicas envolvendo toda a comunidade escolar, as crianças ou ambas. Fizemos a leitura de todos os textos levantados e selecionamos apenas os que obedeciam aos três critérios mencionados.

Nos GT 07 e 23 da ANPEd, nas revistas e nos anais do Fazendo Gênero abrimos cada ano de publicação dentro do período aqui considerado e buscamos, inicialmente, por meio dos títulos, como forma de excluir o que não interessava, ou seja, os que não continham os descritores, portanto o título já indicava que não pertencia ao nosso interesse. Na fase da triagem abrimos todos os resumos selecionados a partir dos títulos, e naqueles em que não estavam explícitas todas as informações da pesquisa buscamos no texto completo.

Na primeira fase do levantamento encontramos nos GT da ANPEd 26 trabalhos – 11 no GT 07 e 15 no GT 23. Nas revistas levantamos 29 artigos e no Fazendo Gênero 52, usando sempre o mesmo procedimento. Após o processo de triagem, verificamos que os artigos excluídos abordavam a formação docente inicial e continuada sobre gênero na Educação Infantil, levantamento e análise bibliográfica, luta por creches e história de vida de docentes. Portanto, do total de 107 artigos encontrados nas fontes, apenas 30 constituíram o *corpus* de análise desta dissertação distribuído na seguinte forma:

Quadro 2: *Corpus* para análise

Trabalhos do GT 07 ANPED (2007-2013)	3
Trabalhos do GT 23 ANPED (2007-2013)	6
Trabalhos do Fazendo Gênero (2008, 2010, 2013)	15
Artigos de Revistas: Cadernos de Pesquisa, Educação e Realidade, Educação e Sociedade, Estudos Feministas, Cadernos PAGU e Revista Brasileira de Educação (2007-2013)	6
TOTAL	30

Fonte: Dados organizados pela autora

Para organização e análise das obras elaboramos quadros (ver Apêndice 2) em que constam as informações principais como: título, autoria, ano de publicação, instituição, local de publicação, palavras chave, metodologia de pesquisa, campo de pesquisa, sujeitos participantes, temáticas abordadas, referencial teórico e proposições práticas. Em síntese, os temas abordados pelos trabalhos selecionados foram gênero e: identidade das crianças, trabalho pedagógico, corpo, cultura midiática, culturas infantis, interação entre crianças, ludicidade, pedagogia organizacional, práticas discursivas, subjetividade, sexualidade e preconceito.

Para analisar os dados usamos como método a Análise de Conteúdo por meio de categorias definidas previamente e acrescentadas durante a pesquisa. A análise de conteúdo é uma técnica que tem como foco principal a mensagem e sua semântica, e busca nos vários tipos de textos responder indagações, por meio da inferência, acerca de causas e efeitos que as mensagens produzem sobre o contexto, o qual não pode ser desconsiderado (BAUER, 2014; BARDIN, 2011; FRANCO, 2012,). Na análise de conteúdo o que é analisado é principalmente aquilo que está expresso no texto, porém, o conteúdo oculto também pode fazer parte da análise tendo como parâmetro o contexto histórico (FRANCO, 2012).

Segundo Franco (2012), o processo de análise do conteúdo passa por três etapas principais:

- (1) a descrição, que aponta as características dos textos;
- (2) a inferência, que implica a comparação da mensagem com outro dado (teórico, contextual etc.); e
- (3) a interpretação, que se refere aos significados dados às características.

É necessário também definir o delineamento de uma pesquisa com análise de conteúdo levando em consideração alguns procedimentos essenciais como:

- a seleção do *corpus* (a coleta de dados), como é realizada;
- a categorização do conteúdo e unidades de registro, ou seja, delimitar em categorias tudo que será analisado;
- a comparação das categorias com outros dados, o que significa fazer inferência e interpretação.

Para tanto, é preciso ter definido o objetivo e referencial teórico que darão o suporte necessário para fazer as inferências, interpretações e validar as análises (BAUER, 2014; BARDIN, 2011; FRANCO, 2012;).

A categorização é o agrupamento de temas para análise, que podem ser diversos e se aproximarem ao final. As categorias podem ser definidas antes e/ou durante o percurso da pesquisa. Nesta pesquisa as categorias são entendidas como temáticas principais e/ou secundárias que foram nosso ponto de partida ou expressas nos textos durante as análises. Foram elas:

- identidade,
- gênero,
- criança/infância,
- brincar,

- corpo
- metodologias de pesquisa,
- proposições para construção das identidades de gênero diversas e equânimes.

Essas categorias são temas para análise na qual apontamos o que os textos apresentaram sobre cada um.

Nosso propósito com este trabalho é também elaborar um referencial que ajude às pesquisas posteriores a identificarem de forma rápida, clara e rigorosa, o que tem sido e o que ainda precisa ser pesquisado na temática das construções de gênero na Educação Infantil. Nesse sentido, como já foi mencionado, comungamos com Bernard Charlot (2006) da necessidade de se construir uma “memória da educação” como um ponto de partida para a pesquisa educacional, pois, segundo o autor, “nossa disciplina não tem uma memória suficiente, e isso freia o progresso da pesquisa em educação” (CHARLOT, 2006, p. 17).

O autor relata ainda a ideia de definir uma *frente* de pesquisa, que seria também uma memória, para evitar pesquisas repetidas e sem conexão e continuidade umas com as outras. Portanto, “tornou-se urgente constituir um *arquivo coletivo da pesquisa em educação* e definir uma ou várias *frentes* da pesquisa” (CHARLOT, 2006, p. 18). É nesse sentido de construção de arquivo que desenvolvemos nosso trabalho, contribuindo para destacar temas em discussão ou a serem discutidos.

CAPÍTULO 2 – IDENTIDADE DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL²

Neste capítulo fazemos um apanhado dos principais conceitos que embasam as análises da produção levantada. Assim, inicialmente trazemos o conceito de Identidade discutido principalmente por Hall (2011), Woodward (2012) e Silva (2012); o conceito de gênero abordado por Scott (1995), Bourdieu (2002) e Louro (2003; 2008); e a construção da identidade de gênero na primeira infância com Paechter (2009) e nas orientações expressas no RCNEI (BRASIL, 1998) e DCNEI (BRASIL, 2009).

Buscamos então tentar responder *Como a pesquisa em gênero contribui para a Educação Infantil?* Com esta primeira questão de pesquisa, objetivamos entender o que dizem os estudos de gênero sobre as construções das identidades desde a primeira infância, uma vez que as crianças, quanto menores mais dependentes são dos adultos, e têm a necessidade de aprender o que é importante para sua sobrevivência. Essas aprendizagens são expressas por meio da reprodução ou contestação.

2.1. Identidade

O que é identidade? Como se constrói? Temos identidade ou identidades? São fixas, mutáveis ou transitórias? Essas e tantas outras questões sobre identidade perpassam as discussões em várias áreas do conhecimento, na Sociologia, na Psicologia, na História, na Filosofia etc. Cada uma delas tem suas formas de tentar explicá-las, portanto teríamos aí algumas possibilidades de respostas. Buscamos discutir sobre identidade na perspectiva dos Estudos Culturais, que também não desconsideram outras áreas do conhecimento, pelo contrário, buscam uma articulação por meio da perspectiva das construções socioculturais (WORTMANN, 2005).

Para pensarmos sobre o conceito de identidade é preciso ter em conta o tempo e espaço a que estamos nos referindo. É necessário considerar também o sujeito, uma concepção moderna que identifica aquele que busca conhecer e, ao

² Parte deste capítulo foi apresentado na 37ª Reunião Nacional da ANPEd em outubro de 2015 e publicado em seus anais disponível em: <http://37reuniao.anped.org.br/wp-content/uploads/2015/02/Trabalho-GT23-3914.pdf>

partir para essa busca, também é conhecido; e, ao ser conhecido e reconhecido, é definido, caracterizado e colocado em um padrão de existência que o torna comum aos demais, por viver em um mesmo grupo (coletivo), e ao mesmo tempo diferente, devido a sua singularidade. Entendemos então identidade como aquilo que *me* caracteriza frente à espécie humana; é como *me* represento ou sou representado socioculturalmente.

Para Hall (2011), Silva (2012) e Woodward (2012) a identidade é relacional, ou seja, para ser identificada como tal precisa de algo externo a ela, o que os autores e a autora chamam de diferença:

[...] as afirmações sobre a diferença também dependem de uma cadeia, em geral oculta, de declarações negativas sobre (outras) identidades. Assim como a identidade depende da diferença, a diferença depende da identidade. Identidade e diferença são, pois, inseparáveis (SILVA, 2012, p. 75).

Isso implica dizer que a identidade traz a afirmação de *si*, do que se é, enquanto a diferença afirma o que o *outro* é, logo a diferença nega que *eu* sou aquilo que o *outro* é. Diante disso podemos afirmar que identidade e diferença são indispensáveis nos âmbitos coletivo e individual para a construção dos sujeitos.

Segundo Woodward (2012), a diferença, enquanto fator necessário à construção da identidade, também é construída e entendida como uma proposta binária que classifica em bom e ruim, normal e anormal, certo e errado, *eu* e o *outro*:

[...] a diferença pode ser construída negativamente – por meio da exclusão ou da marginalização daquelas pessoas que são definidas como ‘outros’ ou forasteiros. Por outro lado, ela pode ser celebrada como fonte de diversidade, heterogeneidade e hibridismo, sendo vista como enriquecedora... (WOODWARD, 2012, p. 50-51).

Logo, a diferença pode ser fator de segregação e exclusão, e pode também unir e incluir. É possível a ocorrência de uma segregação positiva, aquela que separa alguém com uma necessidade específica para trabalhar de forma diferenciada suas habilidades, a fim de alcançar os mesmos objetivos dos demais.

Considerando a identidade do “sujeito pós-moderno”, apontada por Hall (2011), esta é móvel, inconstante, fragmentada e contraditória, “é formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL,

2011, p. 13), ao passo que sofre variações nas diversas relações e nos diferentes espaços e tempos. Portanto, passa-se a pensar em processos identitários que o sujeito pode vivenciar e assumir em momentos distintos.

A característica principal que diferencia os seres humanos das outras espécies é a capacidade de se comunicar através da linguagem: ela produz identidades e diferenças (SILVA, 2012). Conhecer nossa história, estabelecer normas sociais, organizar instituições, definir poderes são experiências que acontecem na linguagem para além da expressão, incorporando significados, representações e poder; poder que cria, transforma e estabelece formas de ser e estar no mundo:

[...] a identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. Somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são criações sociais e culturais. Dizer, por sua vez, que identidade e diferença são o resultado de atos de criação *linguística* significa dizer que elas são criadas por meio dos atos de linguagem (SILVA, 2012, p. 76).

A linguagem é uma ação planejada para alcançar determinados fins. Não que esse planejamento tenha se realizado pouco antes dos atos de linguagem, mas vem se estabelecendo historicamente ao permitir, proibir, coagir, punir etc. as ações e espaços por meio dos quais os sujeitos se constituem.

Por fim, segundo Hall (2011), Woodward (2012) e Silva (2012), a identidade, ou as identidades, não é/são um elemento que nasce com e para os sujeitos apenas vivenciá-la/s, mas é/são construída/s historicamente, a partir da relação com algo externo ao sujeito, externo ao *eu*, ou seja, o *outro*, aquele em que eu não *me* reconheço, mas é o fator diferente *nele* que *me* torna singular e vice-versa.

Entende-se, portanto, que a presença do outro é necessária para a construção da identidade individual, bem como estar presente em um grupo e espaço social é fundamental à identidade coletiva. Nessa perspectiva a construção das identidades de gênero na primeira infância é balanceada e propostas pela cultura em que a criança está sendo inserida.

Os adultos então têm um papel fundamental nessa construção, pois serão os definidores, em um primeiro momento quando as crianças são totalmente

dependentes deles, e mediadores posteriormente, do direcionamento das ações e escolhas das crianças. Tais direcionamentos, no que se refere à construção das identidades de gênero, podem ser para reforçar uma identidade binária e sexista, ou para possibilitar a construção de uma identidade ao mesmo tempo singular e plural, na perspectiva da diversidade de gênero. Veremos então essa discussão no próximo tópico.

2.2. Gênero: primeira identidade atribuída ao sujeito

Na história da construção do conceito de gênero registra-se que antes da utilização deste termo desenvolveram-se os “estudos da mulher”, com foco na historiografia da mulher. No entanto, essa denominação impunha uma homogeneização da mulher no espaço e tempo e ocultava singularidades como raça/etnia e classe social. Os estudos sobre a mulher exploravam temas que questionavam as problemáticas vivenciadas por mulheres adultas: “igualdade dos sexos na educação, abolição de discriminações no trabalho, o direito de controlar seu corpo e sua sexualidade, denunciar todas as violências sexuais, psicológicas e físicas” (KOVALESKI, TORTATO E CARVALHO, 2011, p. 52).

Sentiu-se então a necessidade do uso de uma nomenclatura que não só abarcasse todas as mulheres (de diferentes raças/etnias, classes sociais etc.), mas superasse a ideia e a noção biológica de “sexo e diferença sexual” e mostrasse que o masculino e o feminino são construídos socioculturalmente. Passa-se então a usar gênero como nomenclatura com o objetivo de “ênfatisar o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo” (SCOTT, 1995, p. 72). Além de tentar superar a noção biológica de diferenciação do sexo, o termo gênero também é útil para entender a construção do masculino e do feminino como algo relacional e social, ou seja, ambos só poderiam ser entendidos por meio de estudos que considerem sua mútua relação e implicações.

Segundo Joan Scott (1995), o uso do termo gênero também trouxe mudanças na pesquisa sobre mulheres ao proporcionar uma nova versão da história que abrangesse outros sujeitos (no caso as mulheres) como importantes produtores.

Pierre Bourdieu (2002) apresenta gênero como um *habitus* e um princípio de visão e divisão social. A divisão se refere às “estruturas objetivas” separadas em dois pólos: grande–pequeno, cheio–vazio, dentro–fora etc. A essas estruturas são atribuídos significados (princípios de visão) aparentemente naturais, mas que são

construídos sócio-historicamente, por exemplo, forte-fraco, bruto-delicado. O autor diz:

[...] são as diferenças visíveis entre o corpo feminino e o corpo masculino que, sendo percebidas e construídas segundo os esquemas práticos da visão androcêntrica, tornam-se o penhor mais perfeitamente indiscutível de significações e valores que estão de acordo com os princípios desta visão: não é o falo (ou a falta dele) que é o fundamento dessa visão de mundo, e sim é essa visão de mundo que, estando organizada segundo a divisão em *gêneros relacionais*, masculino e feminino, pode instituir o falo, constituído em símbolo de virilidade, de ponto de honra (*nif*) caracteristicamente masculino; e instituir a diferença entre corpos biológicos em fundamentos objetivos da diferença entre os sexos, no sentido de *gêneros* construídos como duas essências sociais hierarquizadas (BOURDIEU, 2002, p. 30-31).

Nesse sentido, gênero é uma forma primária de divisão social e a ele são atribuídos características e valores diferenciados com base no sexo biológico. Sua construção é um “trabalho psicossomático”, ou seja, que envolve fatores sociais, biológicos, psicológicos etc. e um trabalho de “mimetismo”, uma forma de adequar-se e ser aceito ao/no ambiente (BOURDIEU, 2002). À medida que esses atributos vão se estabelecendo no corpo e se instalando como verdades, as “estruturas objetivas e cognitivas” (princípios de visão e divisão) vão adquirindo legitimidade.

O uso do termo gênero teve suas críticas no movimento feminista: a expressão tinha um caráter abstrato “que não evocava de imediato as relações de poder” (KOVALESKI, TORATATO, CARVALHO, 2011, p. 58). Temia-se que usar o termo gênero para obter legitimidade científica levaria à perda do caráter de militância do feminismo. Já o grupo transgênero critica o conceito de gênero pelo caráter binário dos sexos, estabelecendo uma norma heterossexual (dominante) e “reivindica que os transexuais, os intersexos, os travestis, os homens efeminados, as mulheres masculinizadas ou as pessoas em dúvida sobre o seu sexo pertencem simplesmente à humanidade” (KOVALESKI, TORATATO, CARVALHO, 2011, p. 63).

Segundo Carvalho (2010), o conceito de gênero é de difícil compreensão e sensocomunização por ainda ser confundido com sexo e, portanto, entendido como uma identidade fixa, ou por ser associado à sexualidade, expressão de prazer, ou ainda, devido às crenças pessoais, sobretudo ancoradas em concepções religiosas, não sendo concebido na perspectiva da diversidade. No caso da educação, o desconhecimento do conceito por parte dos/as professores/as é preocupante, já

que, além de ser um conceito científico, ele é produzido e reproduzido como identidade de forma dicotômica a cada segundo por cada estudante e professor/a no espaço escolar.

Em síntese, gênero torna-se um modo de apresentar-se à comunidade para a aquisição do sentimento de pertença, seja assumindo o binarismo mulher-homem, seja “transgredindo-o” para mostrar outras possibilidades de vivência das identidades. É forma aprendida e ensinada culturalmente de identificação/diferenciação, envolvendo experiências, comportamentos, papéis, características etc. As identidades de gênero são resultados, ou processos contínuos, de construções sociais, culturais, históricas, educacionais, estabelecidas por meio das interações e relações.

No campo da educação a análise de gênero no currículo preocupou-se primeiramente com as questões de acesso das mulheres à escolarização. Porém, a coeducação dos sexos por si só não eliminou o tratamento diferenciado entre homens e mulheres nas práticas curriculares e pedagógicas, nem os estereótipos de gênero (SILVA, 2010). Num segundo momento, as análises de gênero referentes à escolarização criticaram a própria ordem institucional e do conhecimento:

[...] não se trata mais simplesmente de ganhar acesso às instituições e formas de conhecimento do patriarcado, mas de transformá-las radicalmente para refletir os interesses e as experiências das mulheres. O simples acesso pode tornar as mulheres iguais aos homens – mas num mundo ainda *definido* pelos homens. (SILVA, 2010, p. 93).

Ou seja, para fazer parte do espaço escolar as mulheres tiveram que se adequar a um conhecimento gendrado, androcêntrico, que conferia maior prestígio aos homens e segregava as mulheres. A divisão de gênero do conhecimento ainda perdura, com maior inserção de mulheres nas ciências humanas, sociais e da saúde, em posições de menor prestígio, enquanto os homens ingressam majoritariamente nas ciências exatas e tecnológicas.

Sabemos, contudo, que o gênero começa a ser ensinado desde a descoberta do sexo biológico da criança, ou mesmo quando futuras/os mães e pais planejam a chegada dos bebês. A construção de gênero, portanto, dá-se “através de inúmeras aprendizagens e práticas, insinua-se nas mais distintas situações, é empreendida de modo explícito ou dissimulado por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e

culturais” (LOURO, 2008, p. 18), dentre elas a escola. As aprendizagens de gênero acontecem continuamente em todas as fases da vida: na definição do enxoval do bebê, na separação de meninos e meninas nas atividades na Educação Infantil, no investimento em meninos para aprendizagens mais desafiadoras, na regulação da sexualidade das meninas adolescentes, na cobrança para ser uma mãe dedicada à família e ser o pai provedor etc.

Louro (2003) destaca que historicamente a escola foi/é local de separação: escola para meninos e para meninas, ensino diferenciado para classes sociais diferentes, adultos de crianças, e crianças de idades distintas etc. Também é local de produção e reprodução das diferenças de gênero tendo como finalidade inscrevê-las nos corpos biológicos para manter a heteronormatividade. A autora destaca:

[...] currículos, normas, procedimentos de ensino, teorias, linguagem, materiais didáticos, processos de avaliação são, seguramente, *loci* das diferenças de gênero, sexualidade, etnia, classe – são constituídos por essas distinções e, ao mesmo tempo, seus produtores (LOURO, 2003, p. 64).

Essa prática de diferenciação de gênero não acontece apenas entre os/as estudantes, os adultos da escola também são sujeitos passivos e ativos desse processo por meio do controle dos corpos, da transmissão de comportamentos “corretos” para meninos e meninas, na separação por sexo nas atividades, brincadeiras e até mesmo no ensino dos conteúdos.

Considera-se importante a discussão sobre gênero no espaço educacional desde a Educação Infantil por ser a primeira característica atribuída ao corpo para se estabelecer socialmente. Porém, o conceito de gênero foi se construindo a partir do lugar de quem falava, ou seja, de mulheres adultas que, questionando sua posição de dominadas, buscaram introduzir um conceito que problematizasse a dominação (patriarcal), e a partir disso, possibilitasse a ampliação da participação da mulher no espaço público, com voz própria e direitos iguais. Portanto, pensado principalmente na perspectiva adultocêntrica, o desenvolvimento do conceito de gênero não teve a mesma relevância ao se analisar a construção das identidades de gênero ainda na primeira infância.

2.3. Construções das identidades de gênero na primeira infância a partir do RCNEI e das DCNEI

A Educação Infantil foi o nível de ensino escolhido para a pesquisa por consistir no segundo espaço social em que as crianças são inseridas, logo este espaço dá continuidade à construção das identidades de gênero que começam a ser definidas antes mesmo do nascimento das crianças. Lise Eliot (2013) apresenta um estudo sobre as diferenças biológicas entre meninos e meninas desde o útero, e aponta que essas diferenças são tão pequenas e irrelevantes que não chegam a ser suficientes para o desenvolvimento de características desiguais entre os sexos. O que determina de fato, a desigualdade de gênero são as construções nas interações sociais e nos espaços que as crianças vivenciam.

Carrie Paechter (2009) enfatiza que uma das formas que as crianças pequenas buscam para estabelecer legitimidade no novo grupo em que se inserem, na creche e pré-escola, é por meio da identidade de gênero, que já vem previamente orientada de casa: “o gênero, como forma de organizar o mundo, é tão saliente para as crianças pequenas, que se estabelecer como um menino ou como uma menina ‘adequados’ ao novo ambiente é de extrema importância” (PAECHTER, 2009, p. 85). É como se sem a identidade de gênero a criança não conseguisse adentrar no grupo, não conseguisse estabelecer relações por não distinguir o que lhe é semelhante e diferente.

A Educação Infantil constitui o primeiro nível da Educação Básica no Brasil, que atende crianças de 0 a 5 anos de idade (BRASIL, 1996), e tem como objetivo principal o desenvolvimento da criança nos aspectos motores, sensoriais, de socialização e cognitivos. Para tanto, a criança deve ser entendida como sujeito com características e necessidades peculiares. Em 1998 foi lançado no Brasil o RCNEI, que traz orientações didáticas e pedagógicas sobre o trabalho em geral nesse nível de ensino, por exemplo, a organização dos espaços destinados ao atendimento de crianças de 0 a 5 anos, a formação dos/as profissionais da área, as metodologias de trabalho, os conteúdos de ensino, avaliação, entre outras.

O RCNEI é dividido em três volumes. O primeiro, Introdutório, faz a apresentação geral dos documentos e aborda alguns conceitos necessários para a compreensão do trabalho na Educação Infantil como: criança, brincar, educar, creche. O segundo volume é referente à Formação Pessoal e Social, no qual são apresentadas as temáticas de identidade e autonomia. O terceiro diz respeito ao

Conhecimento de Mundo que orienta a construção de diferentes linguagens pelas crianças: matemática, comunicação, espaço, natureza, música etc. (BRASIL, 1998). Apresentamos brevemente o segundo volume que aborda a construção da identidade e autonomia, destacando a identidade de gênero.

De acordo com o RCNEI (BRASIL, 1998), um dos primeiros fatores necessários para o desenvolvimento da identidade e autonomia da criança é ela adquirir confiança em si e sentir-se aceita no grupo. O documento diz:

[...] a identidade é um conceito do qual faz parte a ideia de distinção, de uma marca de diferença entre as pessoas, a começar pelo nome, seguido de todas as características físicas, de modos de agir e de pensar e da história pessoal. Sua construção é gradativa e se dá por meio de interações sociais estabelecidas pela criança, nas quais ela, alternadamente, imita e se funde com o outro para diferenciar-se dele em seguida, muitas vezes utilizando-se da oposição. (BRASIL, 1998, p. 13).

O documento enfatiza a importância da socialização na Educação Infantil, pois promove a interação social, considerada essencial para a construção da identidade, uma vez que possibilita conhecer a diferença no outro, o que implica também o conhecimento de si. O principal argumento do documento é que, para construir a identidade e autonomia, a criança precisa conhecer o outro para entender o que os torna comuns e o que os particulariza, sobretudo a partir da diferença. Essa ideia está em consonância com as perspectivas de identidade apresentadas anteriormente.

Os processos de construção das identidades, segundo o documento, “dependem das interações socioculturais e de outras experiências essenciais” (BRASIL, 1998, p. 15) caracterizadas como:

- (1) “processo de fusão e diferenciação”, referindo-se fusão à dependência do adulto (sobretudo para as crianças menores de 3 anos), e a diferenciação à percepção do outro deslocado de si – “o outro é, assim, elemento fundamental para o conhecimento de si” (p. 15);
- (2) “construção de vínculos”, que se dá por meio do processo de interação com os grupos (p. 17);
- (3) “expressão da sexualidade”, entendida como o “prazer, necessidade fundamental dos seres humanos [...], algo inerente, que está presente

desde o nascimento, manifestando-se de formas distintas segundo as fases da vida” (p. 17).

Devem ser consideradas as expressões de prazer da criança por meio da manipulação de seu corpo e a reação dos adultos frente a essas expressões. É no contexto da expressão da sexualidade que o documento enfatiza as relações de gênero, argumentando que:

[...] há um vínculo básico entre o gênero de uma pessoa e suas características biológicas, que a definem como do sexo feminino ou masculino. Perceber-se e ser percebido como homem ou mulher, pertencendo ao grupo dos homens ou das mulheres, dos meninos ou das meninas, se dá nas interações estabelecidas, principalmente nos primeiros anos de vida e durante a adolescência (BRASIL, 1998, p. 19).

A agenda política feminista, articulada à adoção do conceito de gênero, era visibilizar que as identidades de gênero são construídas socioculturalmente e não determinadas biologicamente, ainda que essas construções se fundamentem em corpos sexuais. Nesse sentido, o documento inicialmente parece não ter adotado essa perspectiva, ao sugerir uma noção essencialista expressa como “vínculo básico” entre gênero e biologia. No entanto, ele amplia seu entendimento sobre gênero ao considerar o tempo e espaço em que as crianças estão inseridas: “ser homem ou mulher varia conforme a cultura e o momento histórico, pois supõe, mais do que as características biológicas de um ou outro sexo, o desempenho de papéis atribuídos socialmente” (BRASIL, 1998, p. 20).

Destacamos alguns pontos sobre gênero apontados no RCNEI para análise. O documento afirma que a separação das crianças por sexo se dá de forma “espontânea” por elas: “por volta dos cinco e seis anos, a questão do gênero ocupa papel central no processo de construção da identidade. Isso se reflete nas ações e interações entre as crianças, que tendem a uma separação espontânea entre meninos e meninas” (BRASIL, 1998, p. 20). Porém, o espaço físico das instituições de Educação Infantil é organizado de forma planejada para atingir determinados objetivos (inclusive expostos no referido documento) e um deles é a interação; o documento fornece orientações didáticas aos/as professores/as para promoverem a interação entre as crianças de forma não discriminatória, bem como são orientados/as também a intervirem (de forma planejada) nas atividades para

assegurar o desenvolvimento das crianças. Assim, é questionável se a separação por sexo entre as crianças é totalmente “espontânea” em sala de aula.

Sobre a aprendizagem da construção de identidade pela criança, o documento afirma que ocorre por meio das trocas e interações com os grupos que vivenciam, e através da imitação, brincadeira, oposição, linguagem e apropriação da imagem corporal.

A imitação propicia “o processo de diferenciação entre o eu e o outro” (BRASIL, 1998, p. 21), possibilitando às crianças se identificarem ou perceberem suas diferenças. Portanto, a imitação é entendida como uma “reconstrução interna e não meramente uma cópia ou repetição mecânica” (BRASIL, 1998, p. 21). Nesse sentido, podemos deduzir que as imitações de características ou papéis de gênero por parte das crianças são atribuições de significados assimilados e/ou ressignificados por elas com o objetivo de fazerem-se pertencer a um grupo ou para vivenciarem experiências diversas.

Sobre a brincadeira, a principal destacada pelo RCNEI é o “faz de conta”, por propiciar às crianças experimentar uma diversidade de personagens, desenvolver a imaginação e a criatividade e “saberem sobre as relações pessoais, sobre si e sobre o outro” (BRASIL, 1998, p. 22). Na primeira infância uma das principais formas de aprendizagem da criança é a brincadeira, pois proporciona a experimentação da vida real. As crianças comumente brincam de papai/mamãe/casinha e imitam príncipes e princesas.

A oposição, de acordo com o documento, “significa, em certo sentido, diferenciar-se do outro, afirmar o seu ponto de vista, os seus desejos” (p. 23). As crianças podem usar a oposição para afirmar ou contestar suas identidades de gênero, atribuídas e em construção, por exemplo, o menino que deseja ser maquiado numa brincadeira; a menina que prefere brincar com os meninos do que com as meninas; ou as meninas que não admitem que os meninos brinquem com suas bonecas por serem meninos.

“É na interação social que as crianças são inseridas na linguagem, partilhando significados e sendo significadas pelo outro” (BRASIL, 1998, p. 24). A linguagem vem reforçar o processo de diferenciação do eu e do outro, pois é uma forma de afirmar-se, legitimar as particularidades e negar o outro; como afirma Silva (2012), a linguagem produz identidade e diferença. Na construção das identidades de gênero a linguagem é um meio de confirmação ou negação daquelas, pode

instituir e negar poder nas relações ou equalizá-lo. Como já tivemos oportunidade de presenciar, as crianças, em contextos de disputa, falam frases que têm efeitos de afirmação e exclusão, a exemplo de: “você não pode porque você é menino” ou “você não pode porque você é menina”.

Sobre a apropriação da imagem corporal o documento destaca que: “a aquisição da consciência dos limites do próprio corpo é um aspecto importante do processo de diferenciação do eu e do outro e da construção da identidade” (BRASIL, 1998, p. 25). Isso significa aprender sobre o respeito pelo próprio corpo e pelo corpo do outro, bem como entender que o corpo não é neutro e nem imutável no espaço social. O uso do espelho é uma forma de trabalhar a imagem corporal com as crianças. Em nossas experiências, por exemplo, encontramos meninas que frequentemente investiam no embelezamento através de acessórios, maquiagens e roupas que usavam, pois gostavam de se ver como mulheres adultas.

Durante nossa experiência docente na Educação Infantil identificamos nas ações das crianças a utilização dos recursos apontados pelo RCNEI, por exemplo, as meninas frequentemente brincavam de ser mãe de suas bonecas, imitando suas próprias mães, inclusive em suas falas expressavam para suas filhas/bonecas como elas deveriam se comportar, o que vestir e o que não fazer porque eram meninas. Assim, em uma única ação as meninas utilizaram três recursos, a imitação, a brincadeira e a linguagem reproduzindo e incorporando características culturalmente gendradas.

Consideramos uma prática pedagógica que possibilite a produção do conhecimento, não só sua reprodução; que leve o/a docente a refletir sobre seu trabalho e, sobretudo, a respeitar a curiosidade e identidade das crianças (FREIRE, 1996). Assim, entendemos que esses recursos propostos pelo RCNEI poderão ser observados e conduzidos pela professora ou professor de forma a não construir identidades de gênero binárias, dicotômicas e estereotipadas, segundo relações sexistas e androcêntricas, mas permitir que as crianças desenvolvam suas potencialidades, habilidades, imaginação, criatividade, e aprendam sobre o respeito ao outro.

Os Objetivos e Conteúdos apontados pelo RCNEI para serem trabalhados com as crianças dizem respeito basicamente à interação, cuidados com o corpo e identificação e respeito das/às características individuais e grupais. Destacamos dois conteúdos específicos para crianças de 4 e 5 anos: “participação de meninos e

meninas igualmente em brincadeiras de futebol, casinha, pular corda etc.; respeito às características pessoais relacionadas ao gênero, etnia, peso, estatura etc.” (BRASIL, 1998, p. 37). A orientação didática dada para esses conteúdos é:

No que concerne à identidade de gênero, a atitude básica é transmitir, por meio de ações e encaminhamentos, valores de igualdade e respeito entre as pessoas de sexos diferentes e permitir que as crianças brinquem com as possibilidades relacionadas tanto ao papel de homem como ao da mulher. Isso exige uma atenção constante por parte do professor [e professora], para que não sejam reproduzidos, nas relações com as crianças, padrões estereotipados quanto ao papel do homem e da mulher (BRASIL, RCNEI, 1998, vol. 2, p. 41-42).

Consideramos como um avanço a proposição dessas temáticas como conteúdos, pois assume-se que as identidades de gênero são construídas desde a infância, e a instituição – em que, geralmente as crianças passam de quatro a dez horas por dia, cinco dias por semana – não pode negar essa construção. Assim, deve ter como objetivo contribuir para a desconstrução de identidades de gênero estereotipadas com base no sexismo e no androcentrismo.

É válido reconhecer a iniciativa do documento em abordar gênero, lembrando que não existia no Brasil nenhuma referência anterior. As construções de identidade de gênero não são o foco principal do documento, pois suas orientações são gerais. Contudo, ao apontar esse tema, visibiliza questões que estão no cotidiano da Educação Infantil e que muitas vezes passam despercebidas.

Porém, o documento ainda apresenta lacunas referentes a essa temática: é ambíguo ao trazer o conceito de gênero, pois ora o apresenta como inerente aos seres humanos, ora como uma construção social. Apesar de considerar que é necessário “transmitir por meio de ações e encaminhamentos, valores de igualdade e respeito entre as pessoas de sexos diferentes” (BRASIL, 1998, p. 41-42), não propõe ações e encaminhamentos.

Em 2009 foi publicada a Resolução nº 5 da Câmara de Educação Básica que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (DCNEI). A resolução apresenta concepções de Educação Infantil, de criança, dá orientações para a organização curricular, espacial, avaliação e diversidade.

As DCNEI orientam que as práticas pedagógicas devem ter como objetivos: a construção da identidade e autonomia da criança por meio da interação e da brincadeira; o “acesso a processos de apropriação, renovação e articulação de conhecimentos e aprendizagens de diferentes linguagens” (Art. 8º); a proteção da criança contra todo tipo de violência e de negação de direitos, inclusive o de aprender; o diálogo com a família independente de sua configuração; a aprendizagem por meio das experiências sensoriais; a convivência com outros grupos culturais e o conhecimento da diversidade; o acesso de qualidade para as crianças deficientes, negras, indígenas e do campo em geral.

O documento também enfatiza no Art. 7º que as propostas das instituições devem ter uma “função sociopolítica e pedagógica”, ou seja, essas instituições não são mais locais para depositar crianças enquanto mães e pais trabalham, elas têm metas e objetivos a serem cumpridos. Destacamos o inciso V do Art. 7º em que uma dessas funções é construir “novas formas de sociabilidade e de subjetividade comprometidas com a ludicidade, a democracia, a sustentabilidade do planeta e com o rompimento de relações de dominação etária, socioeconômica, étnico-racial, de gênero, regional, linguística e religiosa” [destaque nosso]. Podemos interpretar que o artigo prevê que as ações pedagógicas sejam embasadas na busca das relações igualitárias entre as crianças, sem fazer nenhum tipo de distinção nem promover a desigualdade.

As DCNEI (BRASIL, 2009) apresentam basicamente de forma sintetizada as orientações expressas no RCNEI (BRASIL, 1998), porém também não apresentam sugestões ou propostas de ações e encaminhamentos para a concretização das práticas pedagógicas, visto que é uma resolução que traz diretrizes gerais para a Educação Infantil, ao contrário do RCNEI, que apontou orientações específicas. A questão de gênero é enfocada no documento somente no Art. 7º inciso V, apresentado acima.

A importância de conhecer a regulamentação da Educação Infantil neste trabalho se justifica por dois motivos: primeiro, ela baliza as práticas pedagógicas; segundo, é que faremos análises de trabalhos que foram resultados de pesquisas sobre as práticas das instituições de Educação Infantil, portanto é necessário e interessante observar se essas práticas estão em consonância com a política nacional. Esta é uma forma, inclusive, de avaliar a relevância desses documentos e seus impactos nas práticas pedagógicas nas várias regiões do Brasil.

Considerando que atualmente o acesso à escolarização se dá cada vez mais cedo, é necessário lembrar que os espaços educativos formais (no caso a escola) são locais privilegiados para as construções identitárias, uma vez que neles se dão as relações humanas cotidianas balizadas pela cientificidade do currículo escolar. Nesse sentido Carvalho (2008) afirma:

[...] como estrutura de dominação simbólica, que divide e hierarquiza o mundo e as pessoas em um pólo masculino (superior) e outro feminino (inferior), as relações de gênero são aprendidas – os sujeitos incorporam/subjetivam o gênero. A educação infantil é estratégica, pois é na primeira infância que se inicia a corporificação do *habitus* de gênero a partir do cuidado do corpo e da exploração do mundo num contexto de educação integral: física, emocional e cognitiva (CARVALHO, 2008, p. 13,).

Entendemos que é papel das instituições educativas não deixar passar despercebidas as relações de gênero – ainda situadas no marco da perspectiva patriarcal e heterossexista – que são vivenciadas constantemente em seus espaços, buscando não reproduzir o sexismo e os estereótipos de gênero, mas sim valorizar a equidade e o respeito entre os pares.

De acordo com o exposto, a identidade de gênero é constituída por meio de processos sociais que perpassam todas as fases da vida, que dependem do tempo e espaço em que ocorrem, e podem ser ressignificáveis de acordo com modelos e valores culturais diversos. Nesse sentido, é importante destacar que os conceitos apresentados neste capítulo nos ajudarão a entender o que as pesquisas educacionais brasileira expõem sobre as construções de gênero na Educação Infantil e como esses conceitos são entendidos no meio escolar.

CAPÍTULO 3 – (DES)CONSTRUÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Como a pesquisa educacional brasileira contribui para a compreensão e (des)construção das identidades de gênero na educação infantil? Neste capítulo buscamos identificar por meio das análises da produção levantada, como se investiga gênero nas práticas pedagógicas, entendidas aqui como toda a ação da escola para as aprendizagens das crianças. Reforçamos que consideramos as construções das identidades de gênero como os ensinamentos de papéis e características atribuídas aos sexos macho/fêmea na ordem binária e dicotômica, e as desconstruções são as ações que visam superar essa lógica promovendo aprendizagens equânimes e evidenciando as potencialidades individuais de ambos os sexos.

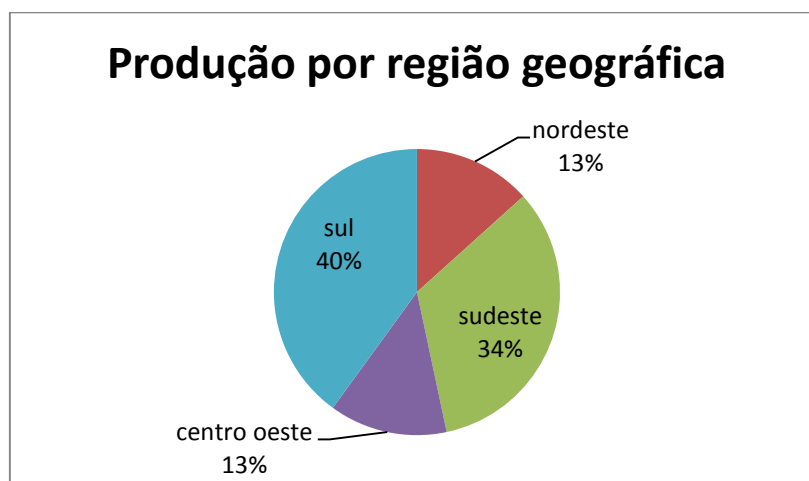
Organizamos a apresentação dos resultados da seguinte forma: dados da produção por sexo dos/as autores/as; dados por região geográfica, considerando a localização da instituição em que o/a autor/a estava vinculado/a no período da publicação do artigo; apresentação das fontes; conceitos mais presentes na produção considerados pelos/as autores/as pertinentes para a construção das identidades; análise das categorias apresentadas anteriormente; análise de cada texto por fonte, enfatizando seus objetivos e proposições para a (des)construção das identidades de gênero.

3.1. Produção por sexo e região geográfica

Assim como nos levantamentos apresentados no primeiro capítulo, evidenciamos que as autorias dos trabalhos analisados têm predominância feminina. Para os 30 trabalhos estudados, registramos um total de 39 autoras/es, considerando apenas uma produção por autor/a: 35 mulheres e 4 homens, sendo 2 autores e 2 coautores. Podemos deduzir que essa concentração feminina na produção científica sobre gênero na Educação Infantil seja pelo “fato de que gênero é um tema investigado majoritariamente por mulheres” (FERREIRA, 2015³; FERREIRA, NUNES E KLUMB, 2013).

³ Comunicação oral proferida por Márcia Ondina Vieira Ferreira em 9 de dezembro de 2015 na apresentação e debate desta dissertação.

Outro fator que corroborou os levantamentos do primeiro capítulo foi a concentração da produção em determinadas regiões geográficas. Aqui consideramos todos os textos analisados, e a região foi determinada pela vinculação do/a autor/a à instituição no período de publicação do artigo. Portanto, registramos 4 trabalhos publicados com autores/as da região Nordeste sendo 3 da UFPB/UFPE e 1 da UFBA, 4 produções do Centro-Oeste, 10 do Sudeste e 12 do Sul:



Nas publicações nos dois GT da ANPED a produção concentrou-se na região Sul e Sudeste, sendo registradas apenas duas no Nordeste e uma no Centro-Oeste; no Fazendo Gênero também foram as regiões Sul e Sudeste que se destacaram, encontramos apenas duas publicações do Nordeste; e nas revistas registramos 3 textos do Sul, 2 textos do Sudeste e 1 texto do Centro-Oeste.

Não foi encontrada nenhuma produção com autores/as vinculados às instituições da região Norte. Porém, em uma busca realizada em dezembro de 2015 no Diretório de Grupos de Pesquisa no Brasil cadastrados no CNPq usando “gênero” como palavra de busca, e o filtro para região Norte, apareceu o resultado de seis grupos, mas apenas quatro têm gênero como uma de suas linhas de pesquisa⁴. Deve-se contar, ainda, com a possibilidade de existência de grupos e núcleos de estudos sobre gênero nas demais instituições da região. Seria necessário analisar de forma aprofundada as condições de produção da pesquisa em gênero na Região

⁴ Cultura Educação e Política: patrimônios, tecnologias, ruralidade e gestão – Universidade Federal do Tocantins; Educação Saúde e Meio Ambiente na Amazônia – Universidade Federal de Roraima; José Veríssimo e o Pensamento Educacional Latino-Americano – Universidade Federal do Pará; Núcleo de Estudos Pesquisa e Extensão em Relações Étnico-raciais, Movimentos Sociais e Educação – Universidade Federal do Pará.

Norte, identificar onde estão sendo publicados os trabalhos produzidos, o incentivo financeiro, as instituições envolvidas etc., para então justificarmos essa ausência nas fontes aqui pesquisadas.

Em comunicação oral, Ferreira (2015), aponta a hipótese de que a concentração da produção nas regiões Sul e Sudeste pode dar-se em razão da distribuição desigual das condições e oportunidades de produção do conhecimento no Brasil, no que se refere ao investimento econômico em pesquisas, por meio de financiamento de projetos, distribuição de bolsas de incentivo à pesquisa etc., o que influencia também na desigualdade do capital cultural entre regiões.

3.2. As fontes

Para situar as fontes⁵, apresentamos suas características e objetivos em relação ao campo da educação.

A ANPED é uma associação que foi fundada em 1976 e que reúne e divulga a produção da pós-graduação no Brasil, por meio de 23 Grupos de Trabalho sobre os mais variados temas. Seu objetivo é fortalecer, promover e incentivar o ensino e a pesquisa da pós-graduação em educação. A partir de 2013 a Reunião é realizada a cada dois anos, no período anterior acontecia anualmente.

O GT 23 (Gênero, Sexualidade e Educação) foi criado como Grupo de Estudo na 26ª Reunião Anual da ANPED realizada em 2003, e em 2004 já teve participação no evento aprovando e encomendando trabalhos e minicursos. Em 2005 já estava constituído como GT e vem se consolidando ao longo desses onze anos com o aumento da recepção e aprovação de trabalhos, contribuindo para fortalecer as discussões e políticas educacionais referentes às questões de gênero e sexualidade. Portanto, consideramos importante o estudo deste GT pelas suas temáticas principais perpassarem todos os níveis da educação.

O GT 07 (Educação de crianças de 0 a 6 anos) foi criado em 1981 junto com o início do funcionamento da ANPED com GT. Contribuiu para a constituição de

⁵ As informações de todas estão disponíveis em seus sites:

ANPED: <http://www.anped.org.br/>;

Fazendo Gênero: http://www.fazendogenero.ufsc.br/conteudo/view?ID_CONTEUDO=581;

Educação e Realidade: http://www.ufrgs.br/edu_realidade/;

Educação e Sociedade: <http://cedes.preface.com.br/publicacoes/20>;

Revista Brasileira de Educação: <http://www.anped.org.br/rbe/sobre-a-rbe>;

Cadernos de Pesquisa: <http://www.scielo.br/revistas/cp/paboutj.htm>;

Cadernos Pagu: <http://www.scielo.br/revistas/cpa/iaboutj.htm>;

Revista Estudos Feministas: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/index>

políticas educacionais para o nível de ensino da Educação Infantil destacando-se a Constituição de 1988, da LDB 9.394/1996, o primeiro Plano Nacional de Educação e o RCNEI, em defesa do direito de todas as crianças terem acesso à educação pública. O debate em torno da educação na primeira infância no GT tem levantando vários temas, inclusive sobre gênero (AQUINO, 2007). O objetivo principal do GT é apresentar a produção que vem se desenvolvendo sobre a infância. Daí sua pertinência para este estudo, uma vez que a construção das identidades infantis é um dos temas de discussão no GT.

O Fazendo Gênero é um seminário internacional que vem acontecendo desde 1994 na Universidade Federal de Santa Catarina e reúne pesquisadores/as de todo o Brasil e de diversas áreas do conhecimento para discutir sobre gênero em todos os âmbitos sociais e culturais. O seminário ocorre a cada dois anos com conferências, mesas redondas e apresentação de trabalhos em Simpósios Temáticos (ST), e ao final é publicado um livro com algumas das discussões promovidas. Este seminário é importante por disseminar a produção multi e transdisciplinar sobre temática de gênero articulada aos vários âmbitos sociais, dentre eles a educação.

O periódico Educação e Realidade é da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e foi fundado em 1976. Sua publicação é quadrimestral e tem como objetivo a divulgação e ampliação do debate educacional brasileiro.

O Centro de Estudos Educação e Sociedade, da UNICAMP/SP, é responsável pela organização da revista Educação e Sociedade. Foi criada em 1978 e atualmente faz publicações trimestrais e um número temático anualmente, com o objetivo de incentivar a pesquisa acadêmica no campo da educação aliado aos outros campos.

A Revista Brasileira de Educação começou a circular em 1995 e é organizada pela ANPEd. Tem publicação trimestral com objetivo de difundir a pesquisa em educação nacional e internacional.

A revista Cadernos de Pesquisa é uma produção da Fundação Carlos Chagas/SP e foi criada em 1971 tendo como objetivo principal a divulgação da pesquisa em educação com ênfase na produção brasileira. Atualmente o periódico é quadrimestral tendo como foco a publicação da produção sobre educação, gênero e raça.

Cadernos Pagu é uma revista do Centro de Estudos de Gênero – Pagu da UNICAMP/SP, sua publicação é quadrimestral e foi fundada em 1993 com objetivo de difundir a produção acerca dos estudos de gênero no Brasil.

Estudos Feministas teve seu primeiro número em 1992 e é uma revista interdisciplinar organizada pelos centros de Filosofia e Ciências Humanas junto e de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina. Faz publicações quadrimestrais e tem como objetivo a “divulgação do conhecimento no campo dos estudos feministas e de gênero” e consolidar esse campo de estudo no Brasil..

As revistas são indexadas na SciELO. Recebem resultados de pesquisas concluídas, resenhas de livros, relatos de experiências, entrevistas. Publicam mais de dois números anualmente, o que lhes confere credibilidade. As avaliações dos textos a serem publicados são feitas por meio da revisão de pares às cegas. Essas fontes são importantes neste trabalho por serem expressivas no âmbito da produção e divulgação do conhecimento em torno da educação brasileira, articulada aos demais campos, como o de gênero. A publicação de produção qualificada favorece a discussão e proposição de políticas educacionais e práticas pedagógicas de reconhecimento e valorização da diversidade.

3.3. Grupos de conceitos

Outro fator relevante que destacamos é a aparição de conceitos que embasaram os textos no que se refere à (des)construção das identidades de gênero das crianças pequenas. Os/as autores/as sempre articulavam as (des)construções de gênero a outro conceito: *relações sociais/relações de poder; brincadeiras e jogos/culturas infantis/mídia/artefatos culturais; corpo; linguagem/práticas discursivas; sexualidade/heteronormatividade; pedagogia organizacional/currículo; disciplina/transgressão.*

O principal deles, que apareceu em todos os textos, foi *relações sociais/relações de poder*. Foi base para todas as argumentações, uma vez que partiram da concepção de construção de gênero oriunda das práticas culturais patriarcais em que se tem como fundamento a sobreposição do sexo masculino ao feminino.

O segundo grupo mais evidenciado em vários textos foi *brincadeiras e jogos/culturas infantis/mídia/artefatos culturais*, para enfatizar que na primeira

infância uma das principais formas de aprendizagem das crianças são as brincadeiras/jogos, que são próprias da cultura infantil, bem como a mídia por meio de músicas, filmes e desenhos animados. Esses artefatos culturais propagam seus personagens muitas vezes desempenhando papéis com base na dicotomia de gênero, por exemplo, com filmes de princesa à espera de um príncipe que salvará sua vida, ou com os super-heróis que vão salvar o mundo.

Portanto, ao querer ter ou ser um personagem a criança deseja vivenciar, por meio das brincadeiras, experiências por vezes dentro da ordem dicotômica de gênero ou atravessando essa ordem, e alguns trabalhos apontaram que esse atravessamento era considerado como problemático no ambiente escolar por fugir da heteronormatividade, quase sempre o padrão da instituição.

O *corpo* foi outro conceito evidenciado pelos trabalhos, que o apresentaram como necessário para (des)construir o gênero, assim como no espaço escolar é um objeto regulado e pouco trabalhado com as crianças, devido à repressão cultural construída historicamente sobre ele. O RCNEI (BRASIL, 1998) destaca que é fundamental o trabalho com e acerca do corpo na Educação Infantil para que as crianças conheçam suas particularidades e diferenças e aprendam a respeitar a si e aos outros, bem como promover a valorização de seus corpos. Nesse sentido, consideramos importante a discussão deste tema na infância por ser um período de descobertas em que as crianças necessitam saber sobre seu pertencimento no mundo (PAECHTER, 2009).

Outra aparição recorrente foi *linguagem/práticas discursivas* apresentada/s nos textos como uma das principais formas de (re)produção das identidades de gênero por ser uma particularidade dos seres humanos, um meio de estabelecer normas, poderes, lugares, diferenças e similaridades. Os trabalhos enfatizaram que a linguagem é um fator necessário para as aprendizagens das crianças pela particularidade desse período de vida, em que tudo está sendo descoberto, tornando-se então uma forma de afirmar-se individual e coletivamente.

Outros conceitos encontrados foram *sexualidade/heteronormatividade*. Apesar de poucos trabalhos terem abordado esse tema de forma direta, muitos deles, arriscamos até a dizer todos, o evidenciaram, pois estava ligado às expressões de gênero, por exemplo, em textos que relataram que o fato de meninos vestirem-se com fantasias de princesas ou vice-versa “afetaria” sua orientação sexual quando adulto, segundo as falas das docentes investigadas. Foi um tema

apresentado como algo que preocupa a instituição de Educação Infantil, ou por não poder ser expresso, ou por sua expressão ser reprimida e até proibida no espaço escolar, o que implica dizer que a ordem estabelecida pelas instituições era a heteronormativa.

A *pedagogia organizacional/currículo* também foi relevante nos trabalhos. Vários deles destacaram que a forma como a escola se prepara e organiza fisicamente, expressa seus objetivos curriculares. Portanto, a organização do espaço escolar pode favorecer a reprodução das identidades de gênero dicotômicas ao diferenciar espaços, atividades e discursos para meninos e meninas, ou favorecer a construção diversa e equânime de gênero considerando as potencialidades das crianças independentemente do sexo.

Disciplina/transgressão foram outros conceitos encontrados nos textos, que apresentaram as instituições como espaços disciplinadores do corpo, das ações, comportamentos e da (des)construção das identidades de gênero. Portanto, vários textos destacaram que a não se submeterem à disciplina, as crianças estariam transgredindo as normas, inclusive a heteronormatividade. Consideramos que a vivência de experiências de gênero opostas ao sexo biológico propicia novas aprendizagens e amplia o repertório de possibilidades de escolhas na perspectiva da diversidade.

Nesse sentido, entendemos que da perspectiva de identidades dicotômicas de gênero, as crianças “atravessam” as fronteiras de gênero, fazendo uma analogia às fronteiras geográficas, para explorar o outro lado, de forma autorizada ou não, e descobrir o que ele pode oferecer.

Todos esses conceitos estiveram direta ou indiretamente em todos os textos e consideramos importante destacá-los já que a Análise de Conteúdo se propõe a evidenciar o que é relevante em determinado contexto, agrupando as ideias por aproximação (BARDIN, 2011). Apesar de terem sido apresentados aqui de forma separada, na instituição escolar esses aspectos são vivenciados simultaneamente até mesmo de forma interligada.

3.4. As categorias para análise

As categorias definidas para este estudo foram: *identidade, gênero, criança/infância, brincar, corpo, metodologia de pesquisa e proposições para as*

construções de identidades de gênero diversas e equânimes. Nesta última nos deteremos ao fim deste estudo, por ser nossa discussão principal.

Ressaltamos que as categorias *brincar e corpo* surgiram durante as análises dos textos por terem sido expressivas suas aparições. Também trocamos a categoria *menino/menina*, posta inicialmente, por *criança/infância*, porque só houve um trabalho que abordou especificamente os grupos de meninos (SIMÃO, 2012). A apresentação das categorias se baseia nas concepções dos/as autores/as.

Na maioria dos textos analisados, *identidade* baseia-se nas contribuições de Stuart Hall. Assim a identidade é apresentada como o resultado das construções sociais por meio das relações e interações entre indivíduos em tempos e contextos determinados. Também como algo fluido, mutável e inacabado. Essas características indicam as concepções baseadas nos Estudos Culturais, uma área que possibilita transitar por outras para compreender as relações sociais e culturais (WORTMANN, 2005). Por se tratar de construções de identidade na primeira infância, nota-se a ausência de enfoques baseados na psicologia do desenvolvimento e na psicologia social.

Gênero é apresentado nos textos como a construção social que atribui características diferenciadas a cada sexo biológico, dentro da norma heterossexual, em síntese, um processo de corporificação, um *habitus*. Foi entendido também como um processo que acontece em todos os períodos da vida e em diversas instituições e ambientes, baseado nas relações de poder, no discurso, no tempo e espaço. O mais evidenciado em quase todos os textos foi a compreensão de gênero como o primeiro marcador de diferenciação, que fixa e determina lugares, papéis, características etc. e contribui para as desigualdades. As concepções apresentadas tiveram, em sua maioria, como referências Joan Scott, Guacira Louro, Pierre Bourdieu e, evidenciando a perspectiva das relações de gênero construídas historicamente.

Acerca de *criança/infância*, os trabalhos as tratavam na perspectiva da Sociologia da Infância que entende a criança como sujeito ativo na construção das suas identidades; ou seja, as informações e aprendizagens que recebem dos adultos não são apenas repetidas pelas crianças, mas são também ressignificadas e vivenciadas, representando sua concepção sobre o aprendido.

Outra categoria adicionada durante as leituras, por ser recorrente nos trabalhos, *brincar*, entendida como uma das formas de construir e manifestar a

identidade e a subjetividade, bem como um modo das crianças agirem no mundo, para comunicar-se e fazerem-se pertencer nos/aos grupos sociais em que estão inseridas. Entendemos que essa compreensão também está ligada ao desenvolvimento e aprendizagem das crianças, pois é a forma delas representarem e vivenciarem o mundo.

Sobre *corpo*, os textos o expuseram como o lugar onde se inscrevem as identidades, a cultura, o gênero, e também como alvo de disciplinamento, de repressão, de expressão, de cuidado etc. Este conceito foi apresentado com relevância devido à concepção de gênero ser relacionada ao corpo biológico, ou seja, seria necessária a existência de um corpo para que houvesse o gênero.

No que tange à *metodologia* destacam-se as pesquisas de tipo participante, intervenção e pesquisa-ação. Os procedimentos de coleta de dados foram ancorados na perspectiva etnográfica, por meio da observação participante e não-participante, registros fílmicos, fotográficos, escritos e de áudio, entrevistas com docentes e crianças, conversas informais com crianças, relatos orais das crianças.

Houve também análises de relatórios de observação, de documentos escolares, de ações e objetos específicas da cultura das crianças, como desenhos e brincadeiras, canções infantis, histórias em quadrinho, e ainda o teatro. Algumas pesquisas utilizaram grupos de discussão e grupos focais com docentes. Essas metodologias são importantes aqui porque apontam como estão se dando as formas de conhecer e entender as práticas escolares voltadas para as (des)construções das identidades de gênero.

Importante ressaltar que nem todos os textos apresentaram todas as categorias, principalmente *gênero*, que foi o tema principal dos trabalhos. Apesar de serem expostas aqui de forma separada, as categorias são interligadas na prática, pois para entender sobre a (des)construção das identidades de gênero das crianças é necessária a compreensão sobre a que infância se refere e o que é específico a ela, sobre como as crianças usam seus corpos e como se expressam entre elas e junto aos adultos.

3.5. A produção

Os artigos, são apresentados aqui por fonte, destacando seu objetivo principal, seus resultados e conclusões e suas proposições práticas para a (des)construção de identidades de gênero das crianças. Foram oriundos de projetos

de pesquisas, mestrado, doutorado, extensão e estágios. Durante as leituras identificamos alguns textos procedentes da mesma pesquisa publicados em mais de uma fonte, com similaridades em suas propostas, portanto, esses são apresentados inicialmente para melhorar o entendimento e evitar repetições:

Quadro 3: Artigos oriundos da mesma pesquisa

Ano/Autoria instituição	Título/local de publicação	Palavras chave Tema	Objetivos	Metodologia e referencial teórico	Resultados e proposições
2007/ BAIÃO , Jonê Carla (UERJ)	“(Ela) sabe roubar ... De um jeito escondido mas ela rouba”. O jogo e as estratégias de gênero numa classe de Alfabetização ANPEd GT 23 30ª Reunião Anual	Não informado Gênero e discurso	Analisar os modos de ser menino e menina por meio da linguagem expressa em um jogo	Filmagem, análise dos registros diários da professora incluindo planejamento Kyratzis (linguagem e gênero); Moita Lopes (identidade de gênero)	Identidades variáveis; os meninos apresentaram-se como líderes, colaboradores entre si, rejeitaram as conquistas das meninas acusando-as de roubo; as meninas apresentaram-se quietas, apenas interessadas na brincadeira, mediadoras dos conflitos. Por meio de um projeto sobre brincadeiras a professora percebeu que no início as crianças separavam-se por sexo para brincar, então dispôs vários brinquedos na sala e incentivou que brincassem juntas, (não relatou como).
2009 BAIÃO , Jonê Carla (UERJ – CAP)	Mundos separados: movimentos, rupturas e permanências na escola ANPEd GT 23 32ª Reunião	Gênero; Infância; Jogos e brincadeiras; Saberes docentes. Gênero e discurso	Analisar por meio dos jogos e brincadeiras os discursos de crianças e professoras sobre as identidades de gênero	1 IEI; Análise de diários de campo das pesquisadoras e professoras Maltz e Borker (gênero e linguagem) Tardif e Gauthier (saberes docentes)	Observação de permanências das ações gendradas nas brincadeiras de boneca entre meninos e meninas que desenvolviam os papéis de pai e mãe, e as rupturas foram por disputa entre os sexos, com o argumento do faz de conta, meninos usavam os brinquedos das meninas. Não houve proposições de desconstruções.
2012 BUSS-SIMÃO , Márcia (NUPEIN-UFSC)	Meninos entre meninos num contexto de educação infantil: um olhar sobre as relações sociais de gênero na perspectiva de crianças pequenas	Não informado Interações entre crianças	“Evidenciar aproximações e distanciamentos nos modos de ser meninos” (como se dá esse processo)	1 IEI de Florianópolis em 2009; 12 meninas e 3 meninos de 2 e 3 anos (especificamente os meninos); registros escritos, fotográficos e filmicos.	Os meninos vivenciam masculinidades diversas: baseadas no guerreiro e aquelas de um mundo oposto ao que é imposto na dicotomia de gênero.

	ANPEd GT 07 35ª Reunião			Scott, Wes e Zimmerman (gênero); Jordan & Cahill e Thorne (identidade de gênero na infância).	Não houve proposições práticas explícita, porém, percebe-se que não há imposição da instituição para a demarcação de gênero entre as crianças, aparentemente não são proibidas de vivenciarem seus desejos.
2013a BUSS-SIMÃO, Márcia (UFSC)	Relações de gênero como possibilidade e como limite de ação social num contexto de educação infantil FG ST 010. As crianças como atores sociais: por que interessam as questões de gênero?	Relações de gênero; Ação social; Educação Infantil Interações entre crianças	“Compreender o que as crianças sabem e aprendem sobre gênero e o que elas fazem com essas aprendizagens com seus pares e os adultos”	1 IEI de Florianópolis/SC, 12 meninas e 3 meninos. Registros escritos, fotográficos e filmicos de observações entre as crianças.	Gênero possibilita e limita as ações sociais das crianças; elas próprias vigiam e dirigem por meio do discurso e ações os comportamentos. Não houve proposições.
2013b BUSS-SIMÃO, Márcia (UNISUL)	Relações sociais de gênero na perspectiva de crianças pequenas na creche Cadernos de Pesquisa v.43 n.148 p.176-197 jan./abr.	Educação Infantil; Relações de gênero; Relações criança-criança; Diferenças sexuais Interações entre crianças	Como as crianças vivem o processo de construção de gênero, quais os efeitos e como utilizam em suas interações e relações	1 IEI de Florianópolis em 2009; 12 meninas e 3 meninos de 2 e 3 anos (especificamente os meninos); registros escritos, fotográficos e filmicos. James & James (gênero e infância); Jordan (construções das masculinidades).	As crianças vivenciam experiências baseadas na dicotomia de gênero, porém também rompem e atravessam essas fronteiras desafiando a ordem heteronormativa, Não houve proposições.
2013c BUSS-SIMÃO, Márcia (UNISUL)	Gênero como possibilidade ou limite da ação social: um olhar sobre a perspectiva de crianças pequenas em um contexto de educação infantil Revista Brasileira de Educação v. 18 n. 55 out./dez.	Educação Infantil; Gênero; Ação social Interações entre crianças	Como as crianças vivem o processo de construção de gênero, quais os efeitos e como utilizam em suas interações e relações	1 IEI de Florianópolis em 2009; 12 meninas e 3 meninos de 2 e 3 anos; registros escritos, fotográficos e filmicos; James & James; Thorne (gênero e infância); Jordan (construções das masculinidades); Louro; West & Zimmerman (gênero)	Gênero categoria central nas relações entre as crianças; as meninas estabelecem a ordem de ações sociais e leva os meninos a negociarem suas participações; as crianças são “dicotômicas e contraditórias”, reproduzem e reconfiguram as dicotomias de gênero. Não houve proposições.
2008 CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de (UFPB)	Construção e desconstrução de gênero no cotidiano da educação infantil: alguns achados de pesquisa ANPEd GT 23 31ª Reunião TRABALHO ENCOMENDADO	Não informado Rotina	“Descrever e analisar as construções e desconstruções das relações de gênero na EI”. Criar estratégias de intervenção para as desconstruções de gênero assimétricas e	5 Instituições de Educação Infantil (IEI) 2006-2008 (2 em João Pessoa/PB, 1 em Campina Grande/PB, 1 em Caruaru/PE, 1 em Belo Horizonte/MG; pesquisa-intervenção com	3 instituições mantinham uma proposta de construção de gênero na perspectiva dicotômica e sexista, e 2 instituições com propostas contrárias.

			dicotômicas.	docentes; observações, entrevistas, grupos focais e oficinas do material coletado. Bourdieu (gênero; <i>habitus</i>).	Proposições: nas IEI com projeto de educação não sexista e equidade de gênero, a prática era de misturar as crianças em todas as atividades e os espaços eram organizados para evitar a separação.
2008a CARVALHO , Maria Eulina; COSTA , Eliana; MELO , Rosemary (UEPB/UFPE)	Roteiros de gênero: a pedagogia organizacional e visual gendrada no cotidiano da educação infantil ANPEd GT 23 31ª Reunião	Educação Infantil. Princípio de visão e divisão. <i>Habitus</i> . Pedagogia visual e organizacional. Roteiros de gênero. Pedagogia organizacional e visual	Analisar a pedagogia organizacional e visual em instituições de EI	4 IEI 2, em João Pessoa/PB 1 em Campina Grande/PB, 1 em Caruaru/PE; Observação. Bourdieu, Cranny-Francis (Gênero) RCNEI (EI e gênero)	Predominância das relações de gênero na organização espacial e visual das IEI de Campina Grande e Caruaru, exceto as de João Pessoa, que tinham preocupação com as relações de gênero. Não houve proposições.
2008b CARVALHO , Maria Eulina P. de (UEPB); MELO , Rosemary Alves de (UEPB/UFPE); COSTA , Eliana (UFPE)	Atividades com o corpo na educação infantil: limites da ação e formação docente FG ST 53: Gênero e sexualidade na escola e na mídia	Educação Infantil; Gênero; Corpo O corpo nas IEI	“Problematizar os limites da prática e da formação docente para o trabalho com o corpo” na EI	Duas IEI de João Pessoa/PB. Observação de atividades com o corpo em sala de aula. Cranny-Francis (corpo, gênero e sexualidade); RCNEI (atividades com o corpo).	As professoras têm dificuldade de trabalhar com o corpo e sexualidade. Não apresentam proposições, porém o trabalho com o corpo não é comum em IEI, portanto avançam a questão.
2008 FINCO , Daniela (FEUSP)	Socialização de gênero na educação infantil FG ST 10 – Educação Infantil e Relações de Gênero	Educação Infantil; Gênero; Corpo Trabalho pedagógico	Investigar a construção e reforço pelas práticas educativas das diferenças baseadas no sexo.	1 pré-escola de São Paulo/SP; Crianças de 4 a 6 anos; entrevista com professoras e gestoras; registro fotográfico; diário de campo. Scott (gênero) Foucault (disciplinamento)	A escola atribui comportamento às crianças por sexo para demarcar seus lugares segundo a concepção dicotômica de gênero. Não houve proposições de desconstrução.
2009 VIANNA , Cláudia; FINCO , Daniela (USP)	Meninas e meninos na educação infantil: uma questão de gênero e poder Cadernos Pagu (33), jul./dez., p. 265-283	Educação Infantil; Gênero; Práticas docentes. Práticas docentes	Discorrer sobre “as relações de gênero e poder no processo de socialização na Educação Infantil e analisar as estratégias para o controle das expressões corporais de meninos e meninas”.	1 Pré-escola de SP; observação e entrevista com professoras (não informou quantas). Scott (gênero); Faria (gênero e Educação Infantil) Foucault (poder)	As docentes esforçavam-se para marcar os corpos com as formas binárias de gênero; estranhavam e podaram as crianças que “transgrediam as fronteiras de gênero”. Não houve proposições.
2008 MEIRELES , Gabriela Silveira (Universidade Federal de Juiz de Fora/MG)	Infância e poder: marcas das relações de gênero na escola FG ST 10 - Educação Infantil e Relações de Gênero	Infância; Poder; Relações de Gênero Gênero e discurso	Analisar configurações de infâncias que as relações de poder entre as crianças podem assumir por meio de práticas discursivas e não discursivas	Uma turma de EI de Juiz de Fora/MG, crianças de 4 e 5 anos; observação. Bujes (infância); Louro (gênero); Foucault (discurso)	Há autorização docente para a expressão da heteronormatividade para meninos; quando meninos ou meninas fogem à norma são deslocados para retornarem a ela. Não houve proposições práticas.
2009	O que dizem as	Infância; Gênero;	Analisar as	1 IEI de Juiz de	As práticas

MEIRELES, Gabriela Silveira (UFJF)	crianças sobre meninos e meninas?: anunciando o jogo das construções, desconstruções e reconstruções das dicotomias de gênero na educação infantil ANPEd GT 23 32ª Reunião	Poder; Educação Infantil. Relações de gênero nas práticas discursivas	relações estabelecidas pelas crianças para compreender como se constroem e transformam meninos e meninas através do discurso	Fora/MG, 2006; crianças de 4 e 5 anos; observações e entrevistas com as crianças por meio de desenhos Foucault (relações de poder); Butler e Sayão (gênero); Hall (identidade)	discursivas podem reforçar e/ou modificar as práticas; regula os comportamentos e marcam a diferença de gênero. As crianças constroem suas identidades de gênero nas relações que estabelecem envoltas em relações de poder. Não apresenta proposições de desconstrução
2008 PAZ, Cláudia Denis Alves da (UnB)	Gênero no trabalho pedagógico da educação infantil ST 10 - Educação Infantil e relações de gênero	Gênero; Educação Infantil; Trabalho Pedagógico Trabalho pedagógico.	Analisar as relações de gênero no trabalho pedagógico da escola de forma geral, e das professoras na interação com as crianças.	Não informou sobre o campo e os sujeitos; observação. Louro (gênero)	As ações da escola e professoras reproduzem identidades de gênero dicotômicas e fixas; as crianças aprendem comportamentos "adequados" a cada sexo. Não houve proposições de desconstrução.
2010 PAZ, Cláudia Denis Alves da (UnB)	Dia das mães e dia dos pais: gênero e família na escola ST 63.1 Redefinindo a cultura escolar	Não Informado relação família-escola	Discutir as relações de gênero no trabalho pedagógico da EI durante as festas das mães e pais	1 IEI de Brasília/DF 2008; perspectiva etnográfica; interação com os sujeitos; observação participante; notas de campo e grupos de discussão. Swain (gênero); Hall (identidade)	Os discursos e práticas docentes tem base na concepção binária de gênero, e não percebem que "influenciam na construção das identidades fixas de masculinidade, feminilidade e família". Não houve proposições.

Fonte: Dados organizados pela autora

Os artigos de Baião (2007; 2009) originaram-se da sua tese de doutorado e tiveram como foco principal as práticas discursivas na construção das identidades de gênero. Baião (2007) objetivou analisar os modos de ser menino e menina por meio da linguagem das crianças expressa durante um jogo de tabuleiro. Apresenta o conceito de gênero como algo em constante construção e resultado da linguagem. Identificou que a professora da turma desenvolveu um projeto sobre brincadeiras durante o ano letivo e uma de suas constatações foi que as crianças separavam-se por sexo, então dispôs os brinquedos na sala para incentivar os grupos mistos.

Os resultados apontaram que o modo de ser menino foi baseado na liderança da brincadeira, nos comportamentos ativos física e verbalmente, na colaboração entre si e no rechaço das conquistas das meninas, atribuindo a elas a vitória no jogo por métodos ilícitos e não por competência. Já as meninas apresentaram-se como

quietas, interessadas apenas em brincar, sem disputas, mediando os conflitos e seguindo as regras.

Percebemos então que as crianças expressaram suas percepções baseadas nas dicotomias de gênero ao se autorrepresentarem como mais ou menos competentes e capazes para vencer nos jogos que exigem raciocínio, o que corrobora a afirmação de Silva (2010) e Louro (2003) que o acesso ao conhecimento foi diferenciado para meninos/homens e meninas/mulheres historicamente, na forma de educação separada por sexo e mesmo na coeducação.

A postura da professora da turma em desenvolver uma ação para que meninos e meninas brincassem juntos é considerada aqui como uma proposição de desconstrução de identidades de gênero binárias, pois a docente identificou a situação e tentou resolvê-la de forma que privilegiasse a interação entre meninos e meninas sem distinção de sexo.

No segundo texto, Baião (2009) teve o mesmo objetivo, mas com outros sujeitos, ou seja, analisar por meio das brincadeiras os discursos de docentes e crianças sobre as identidades de gênero. Em observação, percebeu que a escola diferenciava os sexos, demarcando seus lugares e ações. Porém, em uma situação de restrição financeira a coordenação teve que decidir sobre a compra de brinquedos, e resolveu não comprar brinquedos para meninos e para meninas. Assim, compraram-se duas bonecas, uma negra e uma branca com carrinho de empurrar, com o argumento de trabalhar sobre raça/etnia.

A autora informa que as professoras da instituição introduziram as bonecas na rotina da turma por meio de histórias. Com o argumento do “faz de conta” os meninos não tiveram preocupação em brincar com as bonecas. Porém, foi observada a permanência das ações gendradas nos papéis desenvolvidas pelas crianças durante as brincadeiras em que, os meninos representavam sempre o pai provedor que trabalha no espaço público e as meninas sempre a mãe que cuida do lar.

Também foram observados conflitos entre meninos e meninas na utilização de outros brinquedos. Os meninos pegavam os brinquedos utilizados pelas meninas para destruir a fim de que elas deixassem de usar os brinquedos que então eram utilizados por eles. Nota-se ações da própria escola para separação de sexo, contribuindo para o reforço de noções de gênero dicotômicas, o que permite que as

crianças incorporem essa ideia e percam a possibilidade de ampliar seus repertórios de amizades, brincadeiras, experiências etc.

A segunda pesquisa desse bloco foi de Buss-Simão (2012; 2013a; 2013b; 2013c) cujos 4 artigos são recortes de sua tese. Teve como objetivo compreender o que as crianças sabem, como aprendem e como vivenciam as relações de gênero com seus pares e com os adultos. A autora apresenta gênero como algo construído nas relações e interações sociais entre homens e mulheres, perpassadas por estereótipos.

Em um dos textos Buss-Simão (2012) analisa os modos de ser menino em uma turma de educação infantil. Os meninos apresentaram-se de duas formas: o modelo do “guerreiro” e herói, que tem medo de se aproximar do que é relativo ao feminino. E aquele que mostra outros tipos de masculinidades, que brinca com as bonecas representando o pai que usa saias. Assim, os meninos mostram, e por vezes impõem, suas masculinidades baseadas na dicotomia de gênero, bem como vivenciam outras formas de masculinidades.

Buss-Simão (2013a) também analisou as interações entre meninos e meninas e identificou que eles e elas vigiam e conduzem os pares que tentam atravessar as fronteiras, assim como constroem e reforçam identidades de gênero dicotômicas por meio dos discursos. Conclui então que gênero possibilita ou limita as ações das crianças, sendo o primeiro marcador de diferenciação.

Buss-Simão (2013b) ampliou o texto de 2012 acrescentando informações sobre a observação da organização do espaço escolar. Constatou que não haviam espaços diferenciados para meninos e meninas na instituição pesquisada, nem separação das crianças nas atividades e brincadeiras na turma observada. É preciso considerar também que havia apenas 12 crianças na turma, 3 meninos e 9 meninas.

Finalmente Buss-Simão (2013c) analisou como as crianças expressavam suas noções de gênero através dos objetos que utilizavam: acessórios, roupas, desenhos etc. Identificou que a ordem para as ações sociais eram estabelecida pelas meninas (que eram maioria na turma), e os meninos precisavam negociar suas participações, fazendo trocas de materiais, trocas de papéis e comportamentos.

A autora concluiu que as crianças reproduziam e também reconfiguravam as dicotomias de gênero e desafiavam a ordem heteronormativa. Apesar de não haver proposições práticas para as desconstruções das identidades de gênero binárias e dicotômicas, suas observações apontaram que a instituição não fazia diferenciação

entre meninos e meninas, tampouco houve registros de interferências docentes nas ações das crianças; portanto, possibilitou às crianças vivenciarem suas curiosidades, desafios, desejos etc.

Outra pesquisa apresentada em mais de uma fonte oriunda de um projeto de pesquisa financiado pelo CNPq foi a de Carvalho (2008) e Carvalho, [Ismael]Costa e Melo (2008a; 2008b). A pesquisa foi desenvolvida em cinco instituições de Educação Infantil em diferentes localidades.

Em um desses trabalhos, Carvalho (2008), teve como objetivo analisar as relações de gênero na Educação Infantil. Gênero é apresentado como uma construção social, cultural e educacional, um *habitus*, um princípio de visão e divisão.

A autora observou que duas das cinco instituições preocupavam-se com as relações de gênero e tinham projeto de educação não sexista. Promoviam banhos coletivos e em pares, e a organização visual e as atividades não eram distintas para cada sexo. Nas demais instituições os sexos eram demarcados e as ações docentes buscavam colocar “cada um em seu lugar”. Atividades, organização visual e objetos eram designados para meninos e meninas, reforçando as dicotomias de gênero.

Os resultados apontaram que a sexualidade era mais visível do que as relações de gênero, inclusive nas instituições que desenvolviam projetos de educação não sexista. A intervenção realizada durante a pesquisa não teve continuidade posteriormente pelas docentes das escolas, o que levou à conclusão de que é uma mudança difícil para as docentes por serem sujeitos gendrados resultantes de uma cultura sexista. A continuidade das ações desenvolvidas na intervenção implicaria mexer com questões pessoais nas quais não foram formadas e para as quais não se sentiam preparadas.

Registramos então o projeto de educação não sexista desenvolvido por duas das instituições pesquisadas como uma proposição para a desconstrução das identidades de gênero binárias e dicotômicas das crianças, uma vez que havia preocupação da instituição em oportunizar aos/às seus/suas alunos/as a vivência de diferentes formas de se autorrepresentar e representar o mundo, o conhecimento e o respeito ao que é diferente em cada um/uma e o desenvolvimento de suas habilidades independentemente do sexo.

Em Carvalho, [Ismael]Costa e Melo (2008a) recortou seu objetivo para analisar a pedagogia organizacional e visual em quatro das cinco instituições, e seus

impactos na construção das identidades de gênero da criança. Com exceção das duas instituições que tinham a política de educação não sexista, nas outras duas predominava a reprodução das relações de gênero dicotômicas, por meio de pinturas, desenhos, organização do espaço, locais para meninos e meninas etc. Portanto, a proposta tácita dessas duas instituições era de reforçar as relações de gênero binárias e dicotômicas.

Carvalho, Melo e Ismael[Costa] (2008b) também problematizaram os limites da prática e formação docente para trabalhar com o corpo nas duas instituições que tinham uma política de educação não sexista. Observaram as ações das docentes ao trabalhar o corpo com as crianças: uma fez a atividade a partir dos próprios corpos das crianças e a outra usou imagem do corpo em cartolina, retirando a possibilidade das crianças se tocarem e conhecerem seus corpos. Identificaram que as docentes tinham dificuldade em trabalhar com o tema quando concernia à sexualidade. Não apresentaram proposições para desconstrução das identidades de gênero dicotômicas, mas consideramos um avanço o trabalho com o corpo, que é uma proposta do RCNEI (BRASIL, 1998).

Mais uma pesquisa recorte de tese, que estava em andamento, publicada em mais de uma fonte, foi a de Finco (2008), que teve como objetivo investigar nas práticas educativas as construções ou reforços das diferenças baseadas no sexo, e Vianna e Finco (2009), que visou abordar as relações de gênero e poder na Educação Infantil e analisar como ocorre o controle dos corpos de meninos e meninas em uma instituição. Gênero é entendido como um conjunto de significados atribuídos aos corpos biológicos que demarcam o que é ser homem ou mulher dentro da norma heterossexual.

Em Finco (2008) os resultados apontaram que na instituição os comportamentos são atribuídos às características físicas de meninos e meninas para demarcar seus lugares segundos concepções dicotômicas de gênero. Não trouxe mais resultados, apesar ter registrado vários objetivos de investigação.

Os resultados de Vianna e Finco (2009) acerca das observações na instituição destacaram que esta promove divisão por sexo, inclusive de forma planejada. Nas entrevistas uma docente relatou duas situações que lhe causaram estranheza: em uma o menino queria vestir-se de noiva constantemente, dizendo inclusive que iria casar-se com outro colega; e na outra a menina que usava tênis de dinossauro, o qual a docente considerava masculino.

Devido ao seu estranhamento, a docente interferiu nas ações das crianças com o argumento de que lhes causaria “danos à sexualidade”, sobretudo para o menino, por ser menos aceitável socialmente que meninos experienciem características destinados ao feminino. As autoras concluíram que as docentes da instituição esforçavam-se para marcar os corpos com as formas binárias de gênero, inclusive podando as ações das crianças que “transgrediam” as fronteiras de gênero. Percebe-se então o reforço das dicotomias de gênero no ambiente escolar.

A quinta pesquisa deste grupo foi de Meireles (2008; 2009), recorte de sua dissertação. Teve como objetivo analisar as relações entre as crianças para compreender quais as configurações de meninos e meninas estabelecidas por meio das práticas discursivas. Conceitua gênero como resultado das construções culturais sobre masculinidade e feminilidade baseadas nas relações de poder.

Meireles (2008) constatou em suas observações que os meninos têm liberdade (autorização docente) para expressarem seus posicionamentos heterossexuais, por exemplo, ao verem revistas e tecerem elogios a mulheres como “gostosas”, ao dizerem com quem vão namorar etc. Porém as meninas não tinham a mesma liberdade. E ambos eram vigiados pelas docentes para não desviarem da heteronormatividade.

No segundo texto, Meireles (2009) identificou que na instituição havia divisões nas atividades de grupos por sexo, e que os discursos das docentes e das crianças reforçavam a dicotomia de gênero, regulavam os comportamentos, a exemplo da conversa entre um menino e uma menina quando ele afirma que ela chora ao cair e ele não. Nos dois textos não foram evidenciadas proposições de práticas para desconstruções das identidades de gênero dicotômicas, apenas foram relatados os resultados.

A última pesquisa que teve mais de uma publicação foi a de Paz (2008; 2010), resultado de dissertação de mestrado, com o objetivo de analisar as relações de gênero no trabalho pedagógico com as crianças e com as famílias. Gênero é apresentado como uma construção social que perpassa toda a vida e ocorre por meio de várias instituições, diferenciando homens e mulheres com base no sexo através de características e papéis diversos. Paz (2008) apontou em seus resultados que as ações da instituição e das docentes visavam o gendramento dos comportamentos das crianças, ou seja, meninos e meninas exerciam atividades diferenciadas em virtude do sexo.

Paz (2010) também analisou os discursos das docentes sobre a elaboração das festas do Dia das Mães e Dia dos Pais, bem como as suas participações nas festas. Durante a preparação das festas ficou acordado a apresentação de uma peça teatral, onde as meninas representariam as mães cuidando do lar, desconsiderando as que trabalhavam fora de casa, e os meninos fariam os pais trabalhadores/provedores no espaço público. A festa das mães ocorreu nos dois turnos, e a dos pais no horário do almoço. O argumento das docentes para os horários diferenciados foi a ocupação dos pais no trabalho e a “desocupação” das mães, que “apenas” cuidavam dos lares; e que as mulheres que trabalhavam fora de casa poderiam ausentar-se do trabalho a qualquer hora para resolver questões escolares dos/as filhos/as, e os pais não.

A autora concluiu que os discursos das professoras evidenciaram a concepção naturalista das práticas e características atribuídas a homens e mulheres. E que as docentes não percebem que suas ações e seus discursos contribuem para a construção das identidades de gênero dicotômicas e fixas.

Evidenciamos que, das seis pesquisas sinteticamente expostas, apenas uma apontou proposições trabalhadas na instituição para desconstrução das identidades de gênero dicotômicas e fixas e todas relataram que as instituições reproduzem as dicotomias de gênero. Isso nos permite afirmar que é preciso avançarmos do ponto da reflexão e pensarmos em práticas educativas que visem uma formação equânime e de respeito à diversidade já na primeira infância.

3.5.1. Os textos dos GT 07 e 23 da ANPED

Decidimos colocar em um bloco os textos que foram oriundos de uma mesma pesquisa devido as suas aproximações. Aqui iniciamos as apresentações dos textos por ordem cronológica e por fonte. A primeira delas são os dois GT da ANPED:

Quadro 4: ANPED – GT 07 (Educação de Crianças de 0 a 6 anos) e GT 23 (Gênero, Sexualidade e Educação)

Ano/autoria instituição	Título/local de publicação	Palavras chave tema	Objetivos	Metodologia e Referencial teórico	Resultados e Proposições
2010 MARANGON , Davi (UFPR); BUFREM , Leilah Santiago (UFPR)	A experiência escolar cotidiana e a construção do gênero na subjetividade infantil GT 23		Entender como a escola interfere na construção do gênero pelas crianças	1 IEI em Curitiba/PR; 15 meninas e 14 meninos de 5 e 6 anos. Análise de conteúdo da rotina, do livro didático e da prática docente.	A escola investigada produz e reproduz as relações de gênero binárias e dicotômicas. Proposições do/a autor/a: tornar o

	33ª Reunião			Filmagem, entrevistas com professoras, diretora, coordenadora e crianças. Bourdieu (<i>Habitus</i> , gênero); Louro (gênero e educação)	contato entre meninos e meninas o mais versátil possível; ambos os sexos usarem os espaços comuns ao mesmo tempo; organizar filas mistas; formação continuada nas questões de gênero.
2011 ODININO, Juliane Di Paula Queiroz (UFSC); MININI, Vanda Cristina Moro (UFSC)	A cultura midiática na educação infantil: compartilhando experiências com meninos e meninas GT 07 34ª Reunião	Educação Infantil; Crianças; Cultura lúdica; Questões de gênero. Culturas lúdicas infantis.	Identificar os "significados que compõem a cultura lúdica nos momentos livres" de brincadeiras entre meninos e meninas	Duas IEI de Florianópolis em 2010/2011; 50 crianças de 3 a 5 anos; etnografia; observação participante; análise interpretativa. Brougère (jogos); Louro (gênero); Finco e Auad (gênero e ludicidade na Educação Infantil); Corsaro (análise interpretativa)	"Presença das imagens midiáticas no repertório infantil"; dicotomia de gênero no universo lúdico infantil. Não traz proposições
2012 SALGADO, Raquel Gonçalves (UFMT); FERRARINI, Anabela Rute Kohlmann (UFMT); LUIZ, George Moraes de (UFMT e PUC-SP)	Crianças mirando-se no espelho da cultura: corpo e beleza na infância contemporânea GT 07 35ª Reunião	Infância; Corpo; Beleza. Cultura da beleza do corpo	Compreender como as crianças produzem culturas lúdicas expressas pela mídia, e os significados atribuídos para a vida social.	2 IEI (uma particular e duas públicas do Mato Grosso e uma do SESC/RJ); 4 turmas de crianças de 5 e 6 anos. Não apresentou a forma de coleta de dados, mas infere-se que foi observação participante e conversas informais com as crianças. Corsaro (infância) Brougère (cultura lúdica); Scott (gênero)	As crianças constroem suas formas de se ver e se embelezar tomando por base o discurso midiático sobre padrões de beleza. A beleza para a crianças é questão de competência assumida como valor ideal. Não houve proposições.

Fonte: Dados organizados pela autora

Marangon e Bufrem (2010) tiveram como objetivo entender como a escola interfere na construção de gênero pelas crianças. Apresentaram o conceito de gênero baseado em Pierre Bourdieu como um princípio de visão e divisão que atribui características culturais a corpos biológicos usando pares de opostos. De acordo com entrevista realizada com a coordenadora da instituição, ela informou que não havia problemas de gênero na escola e por isso não necessitava trabalhar esse tema. Durante as observações o autor e a autora constataram que não havia intervenção docente na separação por sexo. Nas atividades entre as crianças, nos espaços da escola e nos materiais didáticos a demarcação de gênero era constante.

Os espaços abertos eram divididos entre meninos e meninas, porém as meninas necessitavam reivindicar seu uso junto à coordenação e, nesse aspecto

tiveram êxito. As práticas docentes visavam o reforço da dicotomia de gênero. E no livro didático a predominância nas imagens, textos escritos e linguagem, era masculina. Concluíram que a escola investigada produzia e reproduzia as relações de gênero binárias e dicotômicas na construção da subjetividade infantil.

O autor e a autora apontaram proposições para a desconstrução dessas práticas sugerindo a interferência docente na forma de contato entre meninos e meninas, nas brincadeiras e nos jogos mistos, tornando esse contato o mais versátil possível. Sugeriram usar os espaços comuns ao mesmo tempo, evitar separação nas filas, fato que era comum na instituição, e, sobretudo formação continuada para a equipe escolar. Percebemos que são proposições simples, mas possíveis de serem executadas, e que podem fazer a diferença na percepção das crianças sobre os espaços e as atividades em que estão inseridas, bem como sobre si mesmas.

O segundo texto é de Odínio e Minini (2011) que buscaram conhecer os significados constantes na cultura lúdica infantil durante as brincadeiras livres entre meninos e meninas. Em suas observações identificaram que o universo infantil é permeado pelas dicotomias de gênero, por exemplo, nas imagens midiáticas que estão presentes em seus repertórios. Em uma festa na escola as meninas fantasiaram-se de princesas, mais divulgadas na mídia, e os meninos de super-heróis, portanto representando o que a cultura lhes oferece. Assim acabam incorporando como um desejo próprio e/ou de terceiros (pais, mães, professores/as etc.) o que querem ou são autorizados a serem: meninas meigas, frágeis à espera de um salvador; meninos fortes, bravos e salvadores.

Salgado, Ferrarini e Luiz (2012) tiveram como objetivo compreender como as crianças reproduzem culturas lúdicas expressas pela mídia, e os significados a elas atribuídos para a vida social. Gênero é apresentado como as relações entre os sexos. A partir de observações com crianças de 5 e 6 anos, identificaram que as culturas infantis são recriadas por elas após receberem as referências do meio onde estão inseridas, que são transmitidas por adultos, pela mídia e por outras crianças.

Para as meninas, por exemplo, a beleza era sinônimo de corpos masculinos malhados, sinal de virilidade no homem, e corpos bronzeados e sensuais das mulheres. Para os meninos sinônimo de beleza eram mulheres, jovens e brancas. Constataram que as crianças constroem formas de se ver e embelezar tomando por base os discursos midiáticos sobre padrões de beleza. Elas também desfazem a beleza quando não lhes representa, a exemplo de uma menina negra de cabelo

curto que cortou o cabelo da boneca Barbie porque não queria que ele crescesse. O RCNEI (BRASIL, 1998), expõe em suas orientações a necessidade de trabalhar sobre e com o corpo, para as crianças conhecerem suas necessidades, particularidades e diferenças, o que inclui a beleza de cada um/uma.

Apesar da pequena quantidade de textos, percebemos que as relações de gênero que foram pesquisadas perpassaram todos os espaços das instituições, as ações e omissões. Foram analisadas as práticas docentes, os materiais didáticos, a organização espacial, a presença da mídia, as relações entre os sujeitos, atravessadas pelas relações de gênero. Neste bloco também foi registrada a reprodução das dicotomias de gênero pelas instituições, o que vem fortalecer a hipótese que a construção cultural binária das identidades de gênero ainda é recorrente nas instituições. Essas constatações possibilitam confirmar a necessidade de se pensar sobre as construções equânimes de identidades e relações de gênero, que garanta de fato o desenvolvimento integral da criança.

3.5.2. Os textos do Fazendo Gênero

Os artigos publicados nos anais do Fazendo Gênero têm a característica de serem mais curtos em número de páginas, portanto mais breves e sintéticos:

Quadro 5: Evento Fazendo Gênero 2008, 2010, 2013

Ano/autoria instituição	Título/local de publicação	Palavras chave tema	Objetivos	Metodologia e Referencial teórico	Resultados e Proposições
2008 PACHECO, Joice Oliveira (Unisinos)	Canções infantis: lazer e pedagogia heteronormativa na educação infantil ST 10 - Educação infantil e relações de gênero	Educação infantil; Pedagogia; Heteronormatividade Mídia e construção de gênero na escola	Analisar as interferências de canções infantis no processo de construção das identidades de gênero e sexual na EI.	3 turmas de EI de 3 IEI de Taquari/RS, crianças de 4-6 anos; entrevista com docentes; análise de canções infantis; observação de aulas. Hall e Woodward (identidade); Louro (gênero); Schroeder (identidade de gênero na EI)	As canções analisadas evidenciam a preservação da heteronormatividade e são formas de condicionar comportamentos. As professoras as utilizam para moldar comportamentos e aprendizagens, inclusive de gênero e sexual. Proposição: usar as canções com crianças de forma reflexiva para elas pensarem sobre o que está sendo ensinado.
2008 LEITE, Jaciara Oliveira (UFSC); FREIRE, Juliana de Oliveira (UnB)	Relação de gênero nas escolas: um estudo sobre as intervenções nas aulas de educação física	Brincadeiras; Gênero; Intervenção Pedagógica Gênero e brincadeiras	Investigar se ocorre ou não separação das crianças por sexo e como, qual a posição docente	Pesquisa intervenção realizada durante 32 horas em 2006 em duas turmas de jardim de uma IEI de Brasília/DF;	As relações de gênero baseadas no binarismo macho/fêmea e foram relacionadas à comunidade, classe social, mídia

	no centro de ensino fundamental da Vila Planalto – DF ST 10 - Educação Infantil e Relações de Gênero		perante isso, e o que está relacionado às práticas.	observação participante; relatórios de intervenção com jogos e brincadeiras. Vygotsky (desenvolvimento); Silva & Daolio (gênero)	e instituições; as crianças mais velhas tenderam a separar-se mais que as mais novas. Proposições: as pesquisadoras trabalharam jogos e brincadeiras de interação entre os sexos promovendo o respeito entre ambos.
2008 RICHTER, Ana Cristina; VIEIRA, Carmen Lucia Nunes; GONÇALVES, Gisele Carreirão; BOAVENTURA, Patrícia Luiza Brener (UFSC)	2008 RICHTER, Ana Cristina; VIEIRA, Carmen Lucia Nunes; GONÇALVES, Gisele Carreirão; BOAVENTURA, Patrícia Luiza Brener (UFSC)	Educação do corpo; Educação Infantil; Gênero, Infância e Educação Física Rotina (pedagogia organizacional)	Investigar sobre as ações que envolvem o corpo na construção das identidades de gênero.	3 IEI; não apresentou outras informações sobre campo, sujeitos e período. Observação; análise de registros docentes; análise documental; entrevistas com docentes e outros.	As ações docentes, a organização das instituições e discursos das crianças contemplam a reprodução da cultura patriarcal e construção de identidades de gênero dicotômicas e binárias. Não houve proposições.
2008 CUNHA, Susana Rangel Viera da	Desenhos de meninos e meninas: relações entre imaginário e gênero ST 10: Educação Infantil e Relações de gênero	Desenho Infantil; Gênero; Cultura Visual artefatos culturais	“Compreender como as crianças constroem suas representações de si e dos outros por meio dos artefatos culturais inseridos no ambiente escolar”	1 IEI de Porto Alegre/RS com 24 crianças de 4 a 6 anos entre maio e dezembro de 2007 e retomada em março de 2008. Aproximação da pesquisa participante; observação da rotina; conversas com crianças; atividades com desenhos; registros fotográficos e sonoros. Scott (gênero); Louro (corpo)	As crianças “fazem poucas distinções entre meninos e meninas” nas brincadeiras espontâneas; assumiram posição binária com o contato com personagens infantis veiculados pela mídia; nos desenhos expressaram as identidades dicotômicas, com o uso de cores específicas por menino ou menina e com os tipos de desenhos. Não houve proposições.
2013 ARAÚJO, Elisângela Alves de (USP)	O escondido e o desenhado nos bastidores da educação infantil ST 043. Feminismo e Creche: desafios atuais para uma educação descolonizadora	Educação infantil; Gênero e sexualidade; Práticas pedagógicas. Práticas pedagógicas	Identificar como são construídas as relações de gênero e sexualidade na EI através da observação das relações entre as crianças, e na prática docente.	Não trouxe informações sobre o campo e sujeitos. Análise das observações da prática pedagógica e da rotina registradas em diários de bordo. Foucault (relações de poder; sexualidade); Ribeiro (sexualidade infantil); Louro (gênero e educação); Faria; Viana & Finco (gênero na EI)	A instituição contribui para o reforço das desigualdades, não problematizando as ações geradoras das crianças e docentes. Proposição: a pesquisadora desenvolveu uma formação com as/os docentes participantes.
2013 CRUZ, Tânia Mara (UNISUL); CEOLIN, Tamires (UNISUL); MARTINS,	As meninas e as novas experiências de feminilidade por meio de jogos e brincadeiras na educação infantil	Relações de Gênero; Brincadeira; Jogos; Educação Infantil. Brincadeiras e interações entre crianças	Analisar como ocorrem as expressões de gênero nas interações por meio das brincadeiras	1 turma de Tubarão/SC, 11 meninas e 12 meninos de 5 anos em dois meses de 2012; pesquisa-ação; observação	As rupturas experienciadas entram em confronto com os modos tradicionais pela contradição do “reproduzir ou recriar”

Marcelo Salvador (UNISUL)	010. As crianças como atores sociais: por que interessam as questões de gênero?			participante durante o intervalo. Louro (gênero; corpo); Grugeon (brincadeiras e jogos); Azevedo (brincadeiras e gênero)	Proposição: a pesquisadora desenvolveu brincadeiras que envolviam meninos e meninas e que continham os mesmos desafios e exigiam as mesmas características de ambos.
2013 MIRANDA, Amaiara Conceição de Santana (UFBA); SOUZA, Ângela Maria Freire de Lima e (UFBA)	Na creche e na pré-escola: práticas pedagógicas diante de manifestações da sexualidade infantil 063. Gênero, diversidade e sexualidade no campo da educação	Educação Infantil; Sexualidade e Gênero; Representações Sociais; Práticas docentes Prática docente	“Analisar as representações e práticas pedagógicas de docentes da educação infantil”	32 professores/as da EI da rede municipal de Salvador/BA em 2012. Observação não participante. Silva (currículo; identidade); Bauman (identidade); Butler (gênero; sexualidade); Foucault (sexualidade)	Identificou “regularidades da postura docente centrada na heteronormatividade diante de manifestações de sexualidade na EI”. Não houve proposições.
2013 MULLER, Juliana Costa (UFSC); KNAUL, Ana Paula (UFSC)	Mídia e sexualidade: articulando propostas pedagógicas para uma educação infantil emancipatória 103. Questões de gênero e infância nas produções midiáticas de, para e com crianças	Mídia; Sexualidade; Educação Infantil Proposta pedagógica Sexualidade-gênero e mídia	Levar as crianças a refletirem sobre estereótipos de sexualidade a partir de algumas ações pedagógicas.	1 turma de EI de São José/SC, crianças de 4-6 anos; Observações; teatro. Fantin (mídia); Melo & Pocovi (educação sexual); Sager & Sperb (gênero e infância)	Identificou estranhamento das crianças em vivenciarem experiências de gênero diferentes de seu sexo. Proposições pelas pesquisadoras: uma peça teatral em que há inversões de papéis binários de gênero entre menino e menina promovendo o envolvimento e discussão das/pelas crianças
2013 SILVA, Marta Regina Paulo da (UMESP)	“Os dois são a Mônica, menino e menina”: reproduzindo estereótipos, transgredindo fronteiras de gênero 103. Questões de gênero e infância nas produções midiáticas de, para e com crianças	Relações de gênero; Culturas infantis; Mídia; Artefatos culturais	“Problematizar como as crianças apropriam-se dos códigos das HQs tendo como foco o corpo e suas marcas de gênero”	1 IEI, crianças de 3-5 anos. Estudo de caso; observação das crianças; relatos orais das crianças, análise documental; entrevista; análise de histórias em quadrinhos. Scott (gênero); Louro (corpo); Viana & Setton (mídia); Finco (gênero na educação infantil); Guattari (creches)	Verificou que meninos e meninas pensam e discutem sobre papéis assumidos por homens e mulheres reproduzindo a dicotomia e também atravessando-as. Não houve proposições.

Fonte: Dados coletados pela autora

O primeiro texto deste grupo é o de Pacheco (2008) teve como objetivo analisar as interferências de canções infantis no processo de construção das identidades de gênero e sexual na Educação Infantil. Entende, portanto, gênero como construções sociais e culturais realizadas com base no sexo biológico. Fez

análise de algumas canções e evidenciou que são formas de condicionar os comportamentos e a preservação da heteronormatividade.

Por meio de observações e entrevistas com as docentes, identificou que estas usavam as canções para moldar comportamentos e aprendizagens, incluindo as de gênero e sexual. A autora traz uma proposição para a construção de identidades de gênero diversas e equânimes que é usar as canções com crianças de forma reflexiva para pensarem sobre o que está sendo dito e ensinado acerca as relações de gênero.

Passamos para Leite e Freire (2008) cujo artigo é resultado de um projeto de extensão. O objetivo do foi investigar se ocorria ou não a separação das crianças e como, qual a posição docente perante isso, e o que está relacionado às práticas desenvolvidas. Gênero é apresentado como um marcador relevante para a formação do sujeito levando em consideração o tempo e o espaço.

Em suas observações constataram a separação das crianças por sexo pelas professoras nas atividades da instituição. Realizaram um projeto de intervenção para promover a interação entre meninos e meninas, por meio de jogos e brincadeiras que necessitassem da presença de ambos. Mas perceberam que após as atividades as crianças voltavam a se separar por sexo, o que poderia ser resultado da cultura escolar. Concluíram que além das ações docentes, outros aspectos contribuíam para a construção de identidades binárias, por exemplo, a cultura da comunidade, a classe social, a mídia e a família.

Consideramos a intervenção das pesquisadoras como proposições práticas para as construções de identidades de gênero diversas e equânimes, pois a partir do problema evidenciado na instituição, a separação por sexo, elas possibilitaram às crianças aprenderem que essa separação não era algo determinado e fixo para suas vidas.

Richter et al. (2008) investigaram sobre as ações que envolviam o corpo na construção das identidades de gênero em três instituições de Educação Infantil. Observaram que as práticas docentes também conduziam as atividades para a desconstrução das identidades de gênero binárias e dicotômicas, porém a maioria das ações docentes era para o objetivo inverso. No que concerne à pedagogia organizacional das instituições, identificaram que ela contribuía para o gendramento das ações de meninos e meninas, e que as crianças reproduziam os discursos dos adultos sobre identidades dicotômicas de gênero.

Concluíram que prevalece na instituição o modelo patriarcal, sexista e dicotômico nas relações entre as crianças e no ensino que elas recebem. Do ponto de vista metodológico o texto apresentou fragilidade por não cumprir suas propostas; destacou os resultados apenas das observações, uma vez que tinha informado a análise de entrevistas com docentes, de documentos, de registros das docentes; sobretudo não apresentou uma concepção de gênero que embasasse suas análises.

Cunha (2008) apresentou alguns resultados de um projeto de Iniciação Científica que estava em andamento. O objetivo do texto foi compreender por meio dos artefatos culturais, especificamente os desenhos produzidos pelas crianças, como elas constroem suas representações de si e dos outros. A concepção de gênero apresentada foi de construções sociais com base no sexo biológico.

Nos resultados, identificou durante observação da rotina que nas brincadeiras livres as crianças faziam pouca distinção entre meninos e meninas. No contato com personagens da cultura infantil veiculados pela mídia, as crianças assumiram posições binárias: os meninos queriam ser os super-heróis e as meninas as princesas. Durante a elaboração dos desenhos também expressaram identidades de gênero dicotômicas, na análise da autora, por quererem usar lápis de cor considerados para meninos e/ou meninas, por elaborarem desenhos que representam socialmente características gendradas: meninas desenhavam rosas, borboletas e princesas, e meninos carros e super-heróis etc.

A produção de desenhos é uma oportunidade para discutir com as crianças sobre seus gostos e desejos, abordando as possibilidades que todos/as têm de conhecer e gostar de vários objetos, ampliar seus conhecimentos e seus repertórios de brincadeiras e amizades.

Araújo (2013) fez um recorte de sua dissertação que estava em andamento, e objetivou identificar como são construídas as relações de gênero e sexualidade através da observação das relações entre as crianças e na prática docente. Destacou nos resultados que meninos e meninas na instituição demarcavam seus lugares e ações por meio do discurso delimitando o que poderiam ou não fazer em virtude do sexo. Percebeu, ainda, que as crianças reproduziam estereótipos de gênero que também eram reforçados na prática docente.

Como proposição para a realização de práticas que visassem a desconstrução das identidades de gênero binárias e dicotômicas, a pesquisadora realizou uma formação com as docentes da instituição sobre gênero e sexualidade.

Alguns resultados positivos foram percebidos, por exemplo: docentes que deixaram de realizar filas separadas por sexo, atividades diferenciadas etc.; outras docentes apresentaram resistência, mas mudaram as ações, e outras não tentaram e não quiseram.

No entanto, sobre a sexualidade os resultados foram diferentes. Percebeu que houve silenciamento das docentes e negação dos problemas referentes à sexualidade na instituição, mesmo depois de serem constatados. A hipótese da autora é que a abordagem sobre sexualidade envolve aprendizagens pessoais e o confronto com a própria sexualidade. Concluiu que a instituição contribui para o reforço das desigualdades. Entendemos que para dar-se conta da existência das relações desiguais entre os sexos, é preciso reconfigurar as aprendizagens pessoais sobre gênero e sexualidade, o que significa desprender-se de concepções arraigadas culturalmente.

Cruz, Ceolin e Martins (2013) apontaram alguns resultados de um projeto de extensão. O objetivo do artigo foi analisar como ocorriam as expressões de gênero nas interações entre crianças por meio da brincadeira. Realizaram a pesquisa com crianças de 5 anos por meio de uma intervenção com brincadeiras que proporcionaram a participação de meninos e meninas juntos e com os mesmos graus de desafios e dificuldades, movimentos e trabalho com o corpo, que não eram comuns na instituição. As análises voltaram-se para o posicionamento das meninas diante das brincadeiras.

Algumas meninas reclamaram das brincadeiras por provocarem dor e cansaço, e ao mesmo tempo afirmaram que gostaram porque faziam coisas diferentes, correr, pular, gritar, xingar etc. Tiveram a possibilidade de experimentar sensações diferentes relacionadas ao corpo, bem como enfrentar o desafio de controlá-lo e não assumir características estereotipadas de feminilidade. Concluíram que possibilitar às crianças vivenciarem outras formas de experiências de gênero é oportunizar conhecer as diferentes maneiras de se posicionarem no mundo. Além disso, as rupturas vividas na intervenção entram em confronto com os modos tradicionais de reprodução ou reconfiguração.

Entendemos que a intervenção realizada em virtude da pesquisa é uma proposição para as construções de identidades de gênero diversas equânimes, que pode ser continuada nas ações docentes, e que as experiências vivenciadas e avaliadas pelas crianças demonstram a limitação das práticas pedagógicas para

incentivar a interação entre meninos e meninas, a conhecerem seus corpos e superarem limites. Por exemplo, as meninas foram desafiadas a exercerem uma força física que não sabiam que tinham porque não era trabalhado esse aspecto em suas atividades diárias.

No estudo que fizeram do recorte da dissertação em andamento, Miranda e Souza (2013) objetivaram analisar as representações e práticas pedagógicas de docentes da Educação Infantil. Gênero foi apresentado como aprendizagens constantes que ocorrem por meio das ações dos indivíduos. Destacaram um evento da observação em que a docente repreende um menino por querer vestir-se de mulher e beijar os outros meninos, enfatizando que ele já estava estranho, com um “jeitinho” afeminado, e que não seria bom para ele, como se não bastasse a condição social desfavorável (pobre) e a cor da pele (preto).

Concluíram que as práticas docentes são voltadas para a manutenção da heteronormatividade e as ações das crianças pequenas referentes à sexualidade causam estranheza na docente que já tenta enquadrá-las na norma heterossexual. Apesar de informarem que a pesquisa estava sendo realizada com 32 docentes, trouxeram o exemplo de apenas uma e fizeram uma conclusão generalizando todas as práticas docentes.

Muller e Knaul (2013), com texto oriundo de um projeto de estágio, objetivaram levar as crianças a refletirem sobre estereótipos de sexualidade a partir de algumas ações pedagógicas. Fizeram uma observação diagnóstica e constataram que reproduziam, em suas falas e ações, estereótipos de gênero que perpassavam também a sexualidade. Por exemplo, o uso de determinadas cores por meninos “afetaria” e modificaria sua relação com a heteronormatividade.

Realizaram com as crianças uma peça teatral em que havia inversões de papéis binários de gênero entre um menino e uma menina para discutir sobre os estereótipos de gênero e sexualidade, possibilitando que meninos e meninas ressignificassem suas concepções sobre as temáticas. Concluíram que as crianças estranharam a situação e tiveram dificuldade para se envolverem na peça. Podemos hipotetizar que esse estranhamento deu-se pelas crianças ainda não terem a oportunidade de ver, participar ou sentir outras experiências nas relações de gênero, tanto na escola, como na família.

Apesar de terem desenvolvido essa atividade, que consideramos aqui uma proposição para a construção de identidades de gênero diversas e equânimes, as

autoras não trouxeram mais análises sobre a mesma, e não fizeram mais discussões sobre a mídia na relação com gênero e sexualidade, que foi o foco da pesquisa.

O texto de Silva (2013), um recorte de sua tese, objetivou compreender a apropriação das histórias em quadrinhos pelas crianças enfocando o corpo e suas marcas de gênero. Apresenta o conceito de gênero como construções sociais que perpassam vários elementos simbólicos para normatizar o corpo sexuado em uma posição binária.

Analisando os relatos orais das crianças a partir da apresentação de histórias em quadrinhos, os meninos afirmavam (impunham) que meninas não poderiam fazer determinadas coisas por serem meninas, como jogar futebol, por exemplo. No entanto, as meninas desafiavam as falas dos meninos, informando que elas poderiam sim, e que já viram futebol jogado por mulheres. Os meninos às vezes até aceitavam os argumentos, mas com ressalvas.

Observou que nas brincadeiras as meninas eram mais tímidas quando se tratava de assumir um personagem de super-herói, e quando o faziam era longe dos olhos dos adultos. Na produção dos desenhos constatou reprodução de características binárias de gênero e o inverso também, quando uma menina desenhou um carro e um menino contestou o desenho por não ser um objeto atribuído culturalmente ao feminino.

A autora concluiu que meninos e meninas pensam e discutem sobre papéis assumidos por homens e mulheres reproduzindo e/ou desconstruindo as dicotomias de gênero. Percebemos o incômodo dos meninos em verem as meninas atravessarem essas fronteiras, pois o princípio da equidade de gênero retira o poder de um polo (masculino nas sociedades e culturas patriarcais) e o divide entre os dois (masculino=feminino).

É importante ressaltar que em alguns textos desta fonte (sobretudo do ano de 2008), autores/as anunciaram vários objetivos, bem como a utilização de diversas técnicas e instrumentos de coleta de dados que não foram usados, logo, os resultados não foram apresentados e/ou analisados por completo.

Percebemos neste bloco que foi expressivo o foco nas relações e confronto entre meninos e meninas. A principal característica destacada foi que essas relações nas instituições reforçavam os estereótipos de gênero ratificados pelos adultos. Essas evidências nos levam a questionar sobre que objetivos as instituições de educação infantil estão definindo para serem alcançados, quais suas concepções

de sujeito e como pretendem formá-lo. Mesmo vendo constantemente o aumento dos números de violência entre os homens e doméstica, ainda assim não conseguem perceber que essas possibilidades podem estar sendo construídas dentro de suas instituições.

3.5.3. Os textos das Revistas

Neste bloco apresentamos os textos das revistas, sendo que das seis apenas cinco apresentaram produção, duas delas estão no primeiro bloco:

Quadro 6: Revistas

Ano/autoria instituição	Título/local de publicação	Palavras chave tema	Objetivos	Metodologia e Referencial teórico	Resultados e Proposições
2010 SILVA , Isabel de Oliveira e; LUZ Iza Rodrigues da; (UFMG)	Meninos da Educação Infantil: o olhar das educadoras sobre diversidade de gênero Cadernos Pagu (34), jan./jul., p. 17-39	Educação Infantil; Cuidados; Gênero; Meninos. Práticas docentes	Conhecer o que educadoras pensam sobre suas práticas nas construções das masculinidades relacionadas ao cuidado.	1 IEI de Belo Horizonte/MG; observações e entrevistas com docentes e coordenadora de um turno. Neves; Finco (gênero na educação infantil); Louro (gênero)	Há exclusão nas práticas culturais pelas educadoras para construir masculinidades dentro da ordem heteronormativa. Uma delas é a ausência do cuidado com os meninos. Não houve proposições.
2011 PICCOLO , Gustavo Martins (UFSCAR)	Educação infantil: análise da manifestação social do preconceito na atividade principal de jogos Educ. Soc., Campinas, v. 32, n. 114, p. 205-221, jan./mar.	Preconceito; Atividade; Mediação; Teoria histórico-cultural Preconceito	Identificar as manifestações de preconceito de gênero, raça e beleza (não como categorias de análise, mas como elementos presentes na produção do preconceito) entre as crianças de 5-6 anos durante as atividades de jogos ou brincadeiras.	1 pré-escola do interior de São Paulo/SP, crianças de 5-6 anos. Observação (filmagem) das crianças no momento do recreio; conversas das crianças (diário de campo). Leontiev (atividade); Jones; Bastide & Fernandes (preconceito)	As crianças constroem/reproduzem em, nas brincadeiras, ações preconceituosas ou de exclusão em virtude do sexo. Considera que o espaço pré-escolar pode e deve propiciar a experimentação da felicidade e bem estar de todos/as por meio da intermediação docente que aponte diversas realidades, relações, formas de ser e estar. Não houve proposição.
2012 PRANGE , Bruna; BRAGAGNOL O, Regina Ingrid (UFSC)	As singularidades das crianças pequenas expressas nas suas brincadeiras Educ. Real. Porto Alegre, v. 37, n. 1, p. 251-271, jan./abr	Singularidade; Crianças Pequenas; Brincadeiras Brincadeiras e Subjetividade/singularidade	"Investigar a manifestação das singularidades das crianças pequenas a partir das brincadeiras".	1 IEI filantrópica de São José/SC; 7 meninas e 12 meninos de 4 anos; observação participante em 8 encontros; registro em diário de campo. Finco; Sayão (gênero e educação infantil); Ferreira; Brougère (brincar); Rego; Aguiar (subjetividade);	As crianças reproduzem o mundo adulto (incluindo as relações de gênero de forma dicotômica), e suas singularidades estão relacionadas ao meio social. Não houve proposição.

				Cerisara (infância)	
--	--	--	--	---------------------	--

Fonte: Dados organizados pela autora

O texto de Silva e Luz (2010) teve como objetivo conhecer o que educadoras pensavam sobre suas práticas na construção das masculinidades especificamente relacionadas ao cuidado. Sobre gênero, as autoras apresentam seu conceito como construções sociais e culturais que perpassam vários ambientes, relações e objetos.

Por meio de entrevistas e observações com professoras perceberam que estas apresentavam preocupações em relação a todas as formas de cuidado, mas com maior ênfase para as meninas. Algumas docentes afirmaram que separavam intencionalmente as crianças por sexo nas atividades; uma inclusive justificou que fazia isso devido às suas concepções pessoais (as profissionais não prevalecem).

As autoras concluíram que as práticas das educadoras para a construção das masculinidades dentro da ordem heteronormativa eram de exclusão, destacando-se a ausência de cuidados com os meninos. Não houve proposições para a superação dessas práticas. Entendemos o receio das docentes de darem atenção aos meninos, para não desviá-los da norma heterossexual, que impõem serem intocáveis, sem vivenciar a afetividade e as emoções.

Piccolo (2011), num recorte de sua dissertação, buscou identificar como ocorriam as manifestações de preconceito de gênero, raça e beleza entre crianças de 5–6 anos durante as atividades de jogos e brincadeiras. Identificou meninos tentando excluir uma menina do jogo de futebol apenas por ser menina, supondo que sua presença arruinaria o jogo. Porém, a menina entrou no jogo e foi melhor do que os meninos. Então alguns meninos reivindicaram que ela não jogasse mais para que eles não fossem “zombados” por perderem para uma menina.

O autor concluiu que o espaço pré-escolar pode e deve propiciar a experimentação da felicidade e bem estar de todos/as através de uma ação docente que propicie diversas realidades, relações e formas de ser e estar. Não abordou raça e beleza como anunciado.

O último texto é de Prange e Bragagnolo (2012), que objetivou investigar como as crianças manifestavam suas singularidades a partir das brincadeiras. Fizeram observações das crianças durante as brincadeiras livres e identificaram que elas fazem do brincar um modo de comunicar-se, conhecer o mundo e fazer-se pertencer nele.

Dentre alguns elementos que ajudam a construir as subjetividades das crianças, as autoras destacaram as relações de gênero e perceberam que as crianças reproduzem as dicotomias regulando a si e aos demais para manterem-se na ordem binária masculino X feminino. Gênero não foi foco inicial das autoras, mas durante a pesquisa surgiu como um elemento constituidor dos arranjos sociais e das construções das subjetividades, representado pelas crianças durante as brincadeiras.

Vimos que nesse bloco o brincar esteve presente como parte importante para o desenvolvimento da criança, pois é por meio dele que ela pode representar o mundo em que vive (BRASIL, 1998; PAECHTER, 2009). Portanto, brincadeiras e brinquedos fazem parte do universo da criança e ensinam sobre comportamentos, papéis adequados ou não, regras, disciplinamento, bem como sobre desigualdades.

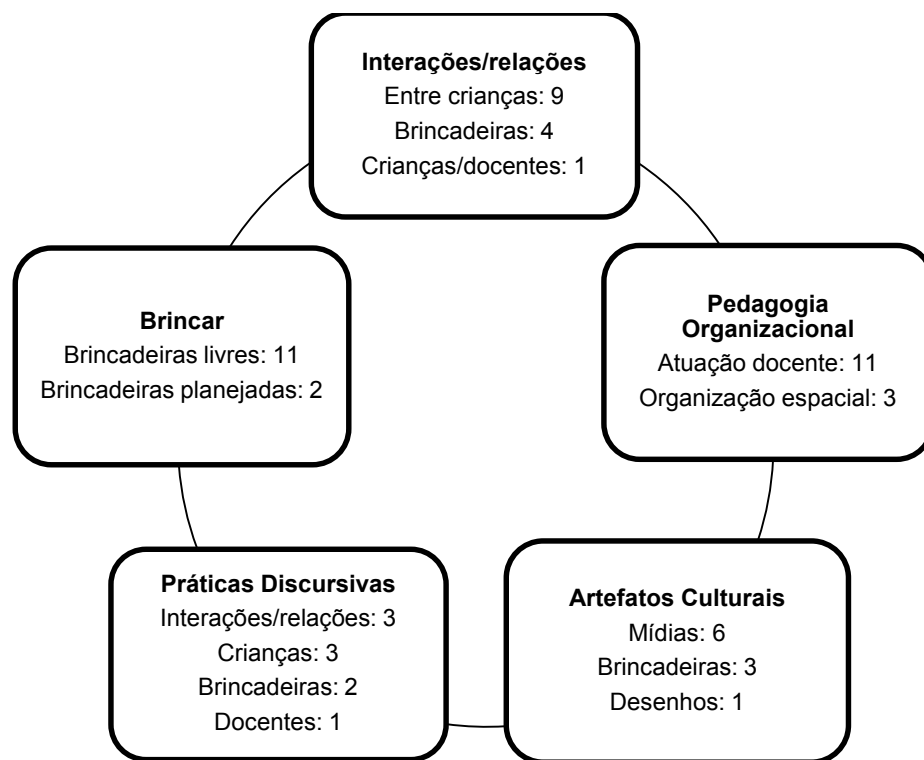
As considerações apresentadas neste capítulo apontam que, diante da vasta possibilidade de divulgação que se tem atualmente, ainda é muito pequena a produção sobre as relações de gênero na Educação Infantil. Entretanto podemos perceber a diversidade de temáticas e conceitos que está sendo abordada, embora a produção se concentre em algumas regiões. O mesmo não acontece com as bases teóricas e referências utilizadas nas produções, que se limitaram ao campo dos Estudos Culturais, à perspectiva pós-estruturalista, à Sociologia da Infância e aos Estudos Feministas, com predominância de traduções de títulos estrangeiros.

Identificamos que a grande maioria dos trabalhos não oferece proposições para a prática pedagógica, limitando-se a apresentar análises críticas das (des)construções das relações de gênero nas práticas docentes e nas interações entre as crianças, e das identidades binárias e dicotômicas na Educação Infantil. Nesse sentido, as pesquisas analisadas vêm da prática, mas não voltam para a prática.

3.5.4. Síntese

A figura a seguir sintetiza as temáticas estudadas pelos 30 artigos analisados. A categorização considerou mais de um tema em uma mesma produção, pois algumas pesquisas por vezes buscavam discutir sobre gênero por meio de mais de um objeto de estudo. Os títulos representam o tema principal, e os subtítulos seus desdobramentos.

Figura 1: Frequências das temáticas pesquisadas em gênero e Educação Infantil



Fonte: Dados organizados pela autora

Percebe-se que a brincadeira é um dos objetos de estudo mais presentes e que a criança é o sujeito mais pesquisado. Destacam-se ainda as temáticas da atuação docente, na maioria das vezes reprodutora das desigualdades de gênero; os artefatos culturais como filmes, canções revistas em quadrinhos que usados nas escolas sem uma perspectiva crítica feminista; e as práticas discursivas, sobretudo das crianças como instâncias de reprodução e contestação das identidades de gênero binárias e dicotômicas.

A interação também foi relevante como tema de estudo, confirmando o que os artigos afirmaram sobre a construção das identidades por meio das relações sociais. Por outro lado, são raras as temáticas que se referem a práticas de desconstrução das relações de desigualdades de gênero, por exemplo, as brincadeiras planejadas utilizadas como estratégia metodológica em projetos de pesquisa intervenção.

Com a figura acima visualizamos que temas estão sendo discutidos nas pesquisas brasileiras, possibilitando estudos futuros sobre políticas para uma educação não sexista, uma vez que os textos identificaram a construção de

identidade de gênero baseada em práticas binárias e dicotômicas. Porém, uma quantidade muito reduzida de 30 trabalhos, indica insuficiente preocupação com a temática da reprodução da desigualdade de gênero a partir da infância.

CONCLUSÕES

As relações de gênero ainda são reconhecidamente problemáticas: são relações de dominação masculina com graves implicações para o desenvolvimento individual e social. Nosso objetivo nesta dissertação foi analisar a produção científica brasileira, em artigos da área educacional e dos estudos de gênero, sobre as relações de gênero na Educação Infantil com vistas a identificar contribuições das práticas pedagógicas para (des)construção das identidades de gênero binárias e dicotômicas nesse nível de ensino. Para tanto nossa questão principal foi: *Como a pesquisa educacional brasileira contribui para a compreensão e (des)construção das identidades de gênero na educação infantil?*

O levantamento apontou que a publicação sobre gênero na Educação Infantil teve maior concentração na produção de autores/as vinculados/as às instituições das regiões Sul e Sudeste, que também foram as regiões de sede do Fazendo Gênero e da maioria das Reuniões da ANPEd. Dos 4 trabalhos publicados por autoras do Nordeste, 3 foram da mesma pesquisa, o que indicou não haver quase variação de instituições. Referente à produção por sexo, registramos a predominância de autoria feminina, 35 mulheres e 4 homens. Os dados confirmam a ausência histórica de homens no nível de Educação Infantil (LOURO, 2003).

O maior número de textos analisados foi dos anais do Fazendo Gênero (15 textos), certamente por sua temática principal ser gênero, porém não é um evento exclusivo da educação, o contrário da ANPEd. Nesta encontramos 3 trabalhos no GT 07, por sua discussão principal ser a Educação Infantil, embora acolha trabalhos de várias temáticas. O GT 23 tem gênero como um dos temas principais, daí a quantidade maior de artigos analisados (6) em relação ao GT 07.

Das revistas, analisamos apenas 6 produções: 2 textos publicados na Cadernos Pagu, que tem gênero como tema principal; nenhum na revista Estudos Feministas; e um em cada uma das demais (Educação e Sociedade, Educação e Realidade, Cadernos de Pesquisa, e Revista Brasileira de Educação). A ANPEd e o Fazendo Gênero registram maior número de trabalhos em relação às revistas, por receber em cada evento um número expressivo de textos para serem apresentados. Somando as publicações das revistas por ano, a quantidade de artigos recebidos ainda é bem menor do que a dos eventos.

Metodologicamente as produções apresentaram quase que o mesmo caminho na utilização de procedimentos para coleta de dados e análises. Poucas utilizaram métodos com artefatos próprios da cultura infantil, que propiciassem a participação das crianças, desenhos e brincadeiras, por exemplo. Os sujeitos em sua maioria foram as crianças em suas interações e relações. Evidenciamos algumas fragilidades, como o anúncio de vários objetivos e do uso de várias técnicas que não foram cumpridas, bem como análises não concluídas.

O referencial teórico concentrou-se basicamente nas perspectivas dos Estudos Culturais, pós-estruturalista, da Sociologia da Infância e dos Estudos Feministas, com predominância do uso de referências estrangeiras traduzidas no Brasil. Constatamos que apenas 10 trabalhos utilizaram referências nacionais e estrangeiras sobre identidade de gênero na Educação Infantil, e apenas 3 textos (da mesma pesquisa) citaram, ou analisaram, o RCNEI, documento importante para este nível de ensino. Percebemos a ausência de discussões no campo da psicologia do desenvolvimento e psicologia social no que se refere às construções identitárias das crianças.

Identificamos que os textos que abordaram o conceito de identidade o fizeram para embasar as construções de gênero. Identidade foi entendida como fluida e mutável, construída por meio das relações e interações sociais. Nesse sentido, o conceito de gênero foi apresentado como o primeiro marcador de diferenciação, resultante de construções sociais e culturais, presentes em vários ambientes, instituições, tempos, espaços, objetos, relações etc., corroborando o que já afirmaram Scott (1995) e Bourdieu (2002).

Gênero foi ainda considerado uma construção educacional, definidora das relações observadas nas instituições de Educação Infantil e dos corpos e identidades das crianças. Assim, o conceito de corpo teve destaque nos artigos, que o consideraram como necessário para a existência do gênero e para o estabelecimento das relações, sendo, portanto, regulado nas instituições pesquisadas para se enquadrar na norma heterossexual. A primeira infância é um período crucial de aprendizagem, portanto a regulação dos corpos se torna contraditória nessa fase de descobertas.

As considerações sobre criança/infância expostas nos textos basearam-se na Sociologia da Infância, que considera a criança um ser ativo na sua própria construção social. Nesse sentido também reforçamos a importância de pesquisar

com e para as próprias crianças sobre a construção das suas identidades, para se ter condições de comparar o que os adultos dizem sobre as crianças e o que as crianças dizem sobre si.

No que concerne ao brincar, conceito expressivo nas produções, foi apresentado como um artefato cultural da infância, uma das principais formas da criança pequena se expressar e se desenvolver. Foi também utilizado como um instrumento de coleta de dados, com o objetivo de evidenciar as perspectivas das próprias crianças sobre identidade de gênero; e como objeto de intervenção para a construção de identidades de gênero diversas e equânimes.

A produção analisada apontou a compreensão sobre identidade de gênero na Educação Infantil a partir de aspectos pertinentes às construções das identidades, como o discurso, a interação, o brincar, a mídia. Identidade e gênero foram apresentados como oriundos das relações sociais e relações de poder, delas se desdobrando outros aspectos: a brincadeira como forma de comunicação das crianças; o corpo como objeto de investimento social, cultural e educacional de valores e normas; as práticas discursivas como meio de regulação autorizada das ações; a sexualidade a ser vigiada; a organização do espaço educativo para possibilitar as aprendizagens de identidades de gênero dicotômicas e binárias, ou diversas e equânimes; e a disciplina e a transgressão associada aos aspectos anteriores.

Pouquíssimas pesquisas tiveram como objetivo propor ações para a construção das identidades de gênero diversas e equânimes, e possibilitar a vivência de identidades de gênero não fixas e outras oportunidades de aprendizagens e de escolhas. Houve também estudos que identificaram, na prática escolar investigada, ações docentes que tinham o mesmo objetivo de desconstruir identidades gendradas e fixas.

Uma proposição que foi apresentada em algumas pesquisas referiu-se à organização espacial do ambiente escolar: não demarcar lugares para meninos e meninas no pátio, na sala de aula, no banheiro, no refeitório, na decoração, nos objetos, bem como nas atividades realizadas pelas/com crianças: nas tarefas em sala, nas brincadeiras, no banho, nas filas, nos jogos etc. Dois artigos propuseram um trabalho pedagógico conjunto entre meninos e meninas para que eles e elas descobrissem oportunidades de colaboração, aprendessem a respeitar-se,

conhecessem suas habilidades individuais não-gendradas e contribuíssem com o desenvolvimento um do outro no sentido de valorização da diversidade.

Outra proposição evidenciada referiu-se ao uso de artefatos destinados à infância para promover a reflexão com as crianças sobre as características gendradas que eles apresentam. Por exemplo, o uso de canções infantis para que pensem sobre o que está sendo ensinado para meninos e meninas; dos desenhos produzidos pelas crianças para discutirem acerca do que entendem por feminino e masculino; de filmes que evidenciem a reprodução de estereótipos a fim de, desmitifica-los; dos brinquedos destinados a meninos e meninas para problematizar a desigualdade de gênero.

A brincadeira, como uma das atividades mais realizadas pelas crianças na primeira infância, para seu desenvolvimento, foi uma das proposições mais citadas. Autoras e um autor realizaram e/ou sugeriram o desenvolvimento de atividades lúdicas que envolvessem meninos e meninas, e exigissem as mesmas habilidades das crianças para que pudessem se divertir, movimentar seus corpos, superar os desafios, aprender o que lhes particulariza e lhes torna iguais (HALL, 2011), e, sobretudo, promover o respeito entre ambos.

A realização de formação docente acerca das relações de gênero também foi apontada como proposição de desconstrução de identidades de gênero binárias e dicotômicas desde a infância. Em uma pesquisa houve uma formação com as docentes pesquisadas, mas não se disse como foi desenvolvida. Gênero na educação é apontado como um tema que transversaliza os demais campos de conhecimento (CARVALHO et al., 2014) e, por isso, na conjuntura atual brasileira é imprescindível a abordagem deste tema nos cursos de formação inicial e continuada. Não analisamos neste estudo os textos que abordam a formação docente em gênero na Educação Infantil, mas podemos evidenciar, a partir do levantamento inicial, que essa produção tende a crescer, pela quantidade considerável de publicações encontradas.

Um fator a ser ressaltado, diz respeito à produção sobre relações de gênero envolvendo a relação escola-família na Educação Infantil. Durante o levantamento encontramos algumas poucas produções sobre o tema, que enfatizaram a luta de mães por creches, ou as perspectivas de pais e mães sobre o trabalho da Educação Infantil. Evidenciamos então que este tema pode ser ainda mais explorado em pesquisas futuras no que concerne entender como se dão as construções de gênero

na Educação Infantil mediadas pela relação escola-família, que são os dois espaços onde as crianças circulam e são dependentes.

Concluímos então que a produção da pesquisa educacional brasileira em gênero na Educação Infantil ainda é incipiente. Tem voltado seus objetivos para relatar como ocorrem as relações de gênero nesse nível escolar: por um lado, aponta como estão sendo (des)construídas as identidades de gênero das crianças naquele nível de ensino; no entanto, por outro lado, ao constatar a reprodução de identidades binárias e desiguais no ambiente escolar, raramente sugere formas de trabalho pedagógico para superar as ações gendrantes, pois, muitas vezes, como foi apresentado na produção, a escola não se dá conta das relações desiguais entre os sexos em seu ambiente.

Os textos analisados, oriundos de pesquisas realizadas em diferentes regiões do Brasil, evidenciaram que na instituição de Educação Infantil predominam ações de reprodução das identidades de gênero binárias e dicotômicas, e relações de gênero sexistas e heteronormativas. No entanto, é importante ressaltar que a Educação Infantil no Brasil só recentemente vem ganhando credibilidade e se configurando como um nível necessário para a formação e desenvolvimento da criança pequena.

Devido ao número predominante de trabalhos que apenas relataram seus resultados e não apresentaram proposições práticas para a desconstrução das identidades de gênero binárias e dicotômicas, percebemos também que eles pouco problematizaram sobre a contribuição da escola, e da educação de forma geral, para as (des)construções das identidades de gênero. Alguns/mas autores/as afirmaram que a instituição escolar é um importante espaço de transformação devido às relações sociais que nela são estabelecidas e pelo seu objetivo principal que é produzir conhecimento.

Portanto, mesmo com documentos oficiais de 1998 (RCNEI) que já indicavam a importância de trabalhar as questões de gênero, nos textos analisados ainda é lento o avanço no que concerne a esta temática nas práticas da Educação Infantil, pois é necessária também uma reconfiguração na formação docente inicial e continuada (CARVALHO, et al. 2014). Por outro lado, em um número menor, evidenciamos pesquisadores/as, docentes e instituições preocupadas com a iniquidade de gênero em seus espaços e desenvolvendo ações para superá-la, proporcionando o bem estar das crianças, a aprendizagem sobre o respeito aos

diferentes de si, o desenvolvimento de habilidades e competências independentemente do sexo.

Este *estado da arte* propiciou visualizar como estão ocorrendo as práticas pedagógicas para a (des)construção das identidades de gênero na infância no Brasil, em anos recentes, a partir de artigos que foram sínteses de pesquisas. Evidenciamos a realização de várias pesquisas com temas iguais (brincadeiras, interações entre crianças/docentes, artefatos culturais, práticas docentes) em contextos diferentes e que apresentaram resultados semelhantes.

Observamos, ainda, como lacuna, nas produções analisadas, a não apresentação de levantamentos bibliográficos dos temas de pesquisa para fundamentar o estudo no que se refere à contribuição que poderia oferecer. Outra lacuna refere-se à ausência de discussão para o avanço teórico sobre relações de gênero na Educação Infantil, evidenciado, por exemplo, pelo pouco uso de referências da área. Ou seja, ainda que a produção seja incipiente, ela não é conhecida e utilizada.

Ratificamos, então, a importância de discutir essa temática desde a Educação Infantil pela evidência e reconhecimento, nas produções analisadas, de que as práticas pedagógicas e as interações neste nível de ensino são permeadas pelas relações de gênero, e por, em sua maioria, estarem reproduzindo as relações dicotômicas e binárias.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Karen Santos; SANTOS, Litza Pereira; PEREIRA, Flávia Roberta dos Santos; PACHECO, Lílían Miranda Bastos. **Características da produção acadêmica sobre relações de gênero na educação infantil**. 61ª REUNIÃO ANUAL DA SBPC. Resumos. UFAM, 2009. Disponível em <http://www.sbpnet.org.br/livro/61ra/resumos/resumos/6806.htm>. Acesso em 22/08/2014.

AQUINO, Lígia Leão. **GT 07 Educação de Crianças de 0 a 6 anos**. 30ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED. Caxambu/MG, 2007. Disponível em: <http://www.anped.org.br/grupos-de-trabalho-comite-cientifico/grupos-de-trabalho/grupos-de-trabalho/gt07>

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Tradução: Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Edições 70. São Paulo, 2011.

BAUER, Martin W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In.: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. (Orgs). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução: Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, 12 ed. RJ. Vozes, 2014.

BÖHM, Bianca Camacho de Almeida; CAMPOS, Míria Izabel. Atuação de professores homens na educação básica: um estado da arte sobre a produção acadêmica. **Horizontes – Revista de Educação**, Dourados-MS, n. 1, v. 1, p. 59-72, jan./jul 2013. Disponível em: <http://www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/horizontes/article/viewFile/2044/1436>

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução: Maria Helena Külnner. Bertrand Brasil, 2 ed. Rio de Janeiro, 2002.

BUSS-SIMÃO, Márcia. **Concepções de corpo, infância e educação na produção científica brasileira (1997-2003)**. In.: 31ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 31, 2008, Caxambu-MG, p.1-18, 2008. Disponível em: <http://31reuniao.anped.org.br/1trabalho/GT07-4310--Int.pdf>. Acesso em 15/06/2013.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN)** nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

_____. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI)**. v. 2 (Formação Pessoal e Social). Ministério da Educação e do Desporto. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. **Resolução nº 5 de 17 de dezembro de 2009**. Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil. Câmara da Educação Básica. 2009.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de; GUIMARÃES, Flávia Maia; MORAIS, Adenilda Bertoldo Alves de; SILVA, Francisca Jocineide da Costa e. Inclusão da temática de gênero no curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba: primeiros passos. **Revista Espaço do Currículo**. João Pessoa. v. 7, n. 2, p. 262-275, maio/ago. 2014. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/rec/article/view/20633>

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. Gênero é um conceito complexo e de difícil sensocomunização. Considerações a partir de uma experiência de formação docente. **Revista Instrumento**. Juiz de Fora, v. 2, n. 2 jul./dez. 2010. Disponível em: <http://instrumento.uff.emnuvens.com.br/revistainstrumento/article/viewFile/937/800>. Acesso em 05/05/2015.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de; ANDRADE, Fernando César Bezerra de; JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **Gênero e diversidade sexual: um glossário**. Ed. Universitária/UFPB. João Pessoa-PB, 2009.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. **Construção e desconstrução de gênero no cotidiano da educação infantil**: alguns achados de pesquisa. Trabalho encomendado apresentado na 31ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED. GT 23. Caxambu/MG, 2008. Disponível em:
http://31reuniao.anped.org.br/5trabalhos_encomendados/trabalho%20encomendado%20-%20gt23%20-%20maria%20eulina%20pessoa%20de%20carva.pdf Acesso em julho de 2013.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de; MELO Rosemary Alves de; ISMAEL, Eliana. Atividades com o corpo na educação infantil: limites da ação e formação docente. **Fazendo Gênero 8: corpo, violência e poder**. Simpósio Temático 53: Gênero e sexualidade na escola e na mídia. Anais. Florianópolis, 2008. Disponível em:
http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST53/Carvalho-Melo-Ismael_53.pdf Acesso em 2010.

CHARLOT, Bernard. A pesquisa educacional entre conhecimentos, políticas e práticas: especificidades e desafios de uma área de saber. **Revista Brasileira de Educação**, s/l, v. 11, n. 31, p. 07-18, jan./abr. 2006. Disponível em:
<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v11n31/a02v11n31.pdf> Acesso em 24/05/2014.

CORDAZZO, Scheila Tatiana Duarte; MARTINS, Gabriela Dal Forno; MACARINI, Samira Mafioletti; VIEIRA, Mauro Luis. Perspectivas no estudo do brincar: um levantamento bibliográfico. **Aletheia**. [s/l] n. 26, p. 122-136, jul./dez. 2007. Disponível em:
<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/aletheia/n26/n26a11.pdf> Acesso em 27/08/2014.

ELIOT, Lise. **Cérebro azul ou rosa**: o impacto das diferenças de gênero na educação. Porto Alegre. Penso, 2013. Tradução: Maria Adriana Veríssimo Veronese.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de. Pequena infância, educação e gênero: subsídios para um estado da arte. **Cadernos PAGU**. N. 26, p. 279-287, jan./jun. 2006. Disponível em:
<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n26/30394.pdf> Acesso em 27/08/2014.

FERREIRA, Márcia Ondina Vieira; KLUMB, Márcia Cristiane Völz; MONTEIRO, Maria Cecília Madruga. **Mapeando a produção sobre gênero e sexualidades na ANPED**. ANAIS FAZENDO GÊNERO 10. Florianópolis, 2013. Disponível em:
http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1385580742_ARQUIVO_MarciaOndinaVieiraFerreira.pdf Acesso em 27/07/2014.

FERREIRA, Márcia Ondina Vieira; NUNES, Georgina Helena Lima. **Panorama da produção sobre gênero e sexualidades apresentada nas reuniões da ANPEd (2000-2006)**. In. 33ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 33, 2010, p. 1-16. Caxambu-MG, 2010. Disponível em:
<http://33reuniao.anped.org.br/33encontro/app/webroot/files/file/Trabalhos%20em%20PDF/GT23-6147--Int.pdf> Acesso em 15/06/2013.

FERREIRA, Márcia Ondina Vieira; NUNES, Georgina Helena Lima; KLUMB, Márcia Cristiane Völz. As temáticas gênero e sexualidades nas reuniões da ANPED de 2000 a 2006. **Revista Brasileira de Educação**, v. 18, n. 55, p. 899-1062, out./dez. [s/l] 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v18n55/06.pdf> Acesso em 23/07/2014.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Educação & Sociedade**, São Paulo, ano 23, n. 79, p.257-272, ago. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v23n79/10857.pdf> Acesso em 25/05/2014.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de conteúdo**. Liber Livro, 4 ed. v. 6. Série Pesquisa. Brasília, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo, Paz e Terra, 1996. Coleção Leitura.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. DP&A, 11 ed. 1 reimp. Rio de Janeiro, 2011.

KOVALESKI, Nadia Veronique Jourda; TORTATO, Cintia de Souza Batista; CARVALHO, Marília Gomes de. Gênero: flashes de uma construção. In.: CASAGRANDE, Lindamir Salete; LUZ, Nanci Stancki da; CARVALHO, Marília Gomes de. (orgs.) **Igualdade de gênero**: enfrentando o sexismo e a homofobia. Editora UTFPR, 1 ed. Curitiba, 2011. p. 47-68.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pró-posições**, v. 19, n. 2 (56), p. 17-23, maio/ago. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a03v19n2.pdf> acesso em 08/12/2014

_____. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Vozes 6 ed. Petrópolis, 2003.

_____. Teoria Queer – uma política pós-identitária para educação. **Estudos Feministas**. Santa Catarina, p. 541-553, 2º semestre, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8639.pdf> Acesso em 08/12/2014.

MARTINS FILHO, Altino José. **Jeitos de ser criança**: balanço de uma década de pesquisas com crianças apresentadas na ANPED. In. 33º REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 33, 2010, p. 1-16. Caxambu-MG, 2010. Disponível em: <http://33reuniao.anped.org.br/33encontro/app/webroot/files/file/Trabalhos%20em%20PDF/GT07-6068--Int.pdf> Acesso em 15/06/2013.

MELO, Rosemary Alves de. **Levantamento bibliográfico sobre gênero na Educação Infantil nos resumos de teses e dissertações da CAPES: 1998-2006**. Relatório Interno. Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Ação sobre Mulheres e Relações de Sexo e Gênero. João Pessoa, 2007.

MORUZZI, Andrea Braga; OLIVEIRA, Fabiana de. **A sociologia da infância no Brasil – algumas temáticas nas publicações de 1970 a 1990**. 34ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED. Pôsteres. Natal-RN, 2011. Disponível em: <http://34reuniao.anped.org.br/images/posteres/GT07/GT07-923%20int.pdf> Acesso em 17/10/2014.

PAECHTER, **Meninos e meninas**: aprendendo sobre masculinidades e feminidades. Tradução: Rita Terezinha Shcmidt. Artmed. Porto Alegre, 2009.

ROMANOWSKI, Joana Paulin; ENS, Romilda Teodora. As pesquisas denominadas do tipo “estado da arte” em educação. **Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 6, n. 19, p. 37-50, set./dez. 2006. Disponível em: <http://alfabetizarvirtualtextos.files.wordpress.com/2011/08/as-pesquisas-denominadas-do-tipo-estado-da-arte-em-educac3a7c3a3o.pdf> Acesso em 25/05/2014.

ROSEMBERG, Fúlvia. Caminhos cruzados: educação e gênero na produção acadêmica. **Educação e Pesquisa**, vol.27, nº 1, p.47-68, FE-USP, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v27n1/a04v27n1.pdf> Acesso em 16/10/2014

SANTOS, Heliany Pereira dos. **A produção científica sobre brincar entre meninos e meninas na educação infantil**: rompendo fronteiras e construindo novas perspectivas para a diversidade. ANAIS FAZENDO GÊNERO, Florianópolis, 2013. Disponível: http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1384891098_ARQUIVO_HelianyPeiradosSantos.pdf

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez.1995. Disponível em: https://ia801403.us.archive.org/9/items/scott_gender/scott_gender.pdf Acesso em novembro de 2014.

SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.)A produção da identidade e da diferença. In.: _____ **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. Traduções: Tomaz Tadeu da Silva.Vozes, 11 ed. Petrópolis, RJ, 2012. p. 73-102.

_____. As relações de gênero e a pedagogia feminista. In.: _____. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Autêntica, 3 ed. 1 reimp. Belo Horizonte, 2010. p. 91-97.

SILVA, Isabel de Oliveira e; LUZ, Iza Rodrigues da; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Grupos de pesquisa sobre infância, criança e educação infantil no Brasil: primeiras aproximações. **Revista Brasileira de Educação**, v. 15, n. 43, p. 84-98, jan./abr. [s/l] 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v15n43/a06v15n43.pdf>

VIANNA, Cláudia Pereira; CARVALHO, Marília Pinto de; SCHILLING, Flávia Inês; MOREIRA, Maria de Fátima Salum. Gênero, sexualidade e educação formal no Brasil: uma análise preliminar da produção acadêmica entre 1990 e 2006. **Educ. Soc.** Campinas, v. 32, n. 115, p. 525-545, abr./jun. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v32n115/v32n115a16.pdf> Acesso em 14/07/2014.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In.: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. Traduções: Tomaz Tadeu da Silva. Vozes 11 ed. Petrópolis, RJ. 2012 p. 7-72.

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna. Algumas considerações sobre a articulação entre Estudos Culturais e Educação (e sobre algumas outras mais). In SILVA, Rosa Maria Hessel (Org.) **Cultura, poder e educação**: um debate sobre Estudos Culturais em Educação. ULBRA. Canoas, RS., 2005. p.165-181.

ARTIGOS ANALISADOS

ARAÚJO, Elisângela Alves de. O escondido e o desenhado nos bastidores da educação infantil FAZENDO GÊNERO 10. Florianópolis/SC, 2013. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1384778663_ARQUIVO_ElisangelaAlvesdeAraujo.pdf

BAIÃO, Jône Carla. "Ela sabe roubar... De um jeito escondido mas ela rouba". O jogo e as estratégias de gênero numa classe de alfabetização. 30ª REUNIÃO ANUAL DA ANPEd. Caxambu, 2007. Disponível em: <http://30reuniao.anped.org.br/trabalhos/GT23-3807--Int.pdf>

_____. Mundos separados: movimentos, rupturas e permanências na escola. 32ª REUNIÃO ANUAL DA ANPEd. Caxambu, 2009. Disponível em: <http://32reuniao.anped.org.br/arquivos/posteres/GT23-5922--Int.pdf>

BUSS-SIMÃO, Márcia. Meninos entre meninos num contexto de educação infantil: um olhar sobre as relações sociais de gênero na perspectiva de crianças pequenas. 35ª REUNIÃO ANUAL DA ANPEd. Porto de Galinhas/PE, 2012. Disponível em: http://35reuniao.anped.org.br/images/stories/trabalhos/GT07%20Trabalhos/GT07-1364_int.pdf

_____. Relações de gênero como possibilidade e como limite de ação social num contexto de educação infantil. FAZENDO GÊNERO 10. Florianópolis/SC, 2013a. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1385491792_ARQUIVO_MarciaBuss-Simao.pdf

_____. Relações sociais de gênero na perspectiva de crianças pequenas na creche. **Cadernos de Pesquisa**, v. 43, n. 148, p. 176-197, jan./abr. São Paulo, 2013b. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742013000100009&script=sci_arttext

_____. Gênero como possibilidade ou limite da ação social: um olhar sobre a perspectiva de crianças pequenas em um contexto de educação infantil. **Revista Brasileira de Educação**, v. 18, n. 55, out./dez. Rio de Janeiro, 2013c. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782013000400008&script=sci_arttext

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. Construção e desconstrução de gênero no cotidiano da educação infantil: alguns achados de pesquisa. Trabalho Encomendado. 31ª REUNIÃO ANUAL DA ANPEd. Caxambu/MG, 2008. Disponível em: http://31reuniao.anped.org.br/5trabalhos_encomendados/trabalho%20encomendado%20-%20gt23%20-%20maria%20eulina%20pessoa%20de%20carva.pdf

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de; COSTA, Eliana Célia Ismael da; MELO, Rosemary Alves de. Roteiros de gênero: a pedagogia organizacional e visual gendrada no cotidiano da educação infantil. 31ª REUNIÃO ANUAL DA ANPEd. Caxambu/MG, 2008a. Disponível em: <http://31reuniao.anped.org.br/1trabalho/GT23-3953--Int.pdf>

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de; MELO, Rosemary Alves de; ISMAEL, Eliana. Atividades com o corpo na educação infantil: limites da ação e formação docente. FAZENDO GÊNERO 8. Florianópolis/SC, 2008b. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST53/Carvalho-Melo-Ismael_53.pdf

CRUZ, Tânia Mara; CEOLIN; Tamires; MARTINS, Marcelo Salvador. As meninas e as novas experiências de feminilidade por meio de jogos e brincadeiras na educação infantil FAZENDO GÊNERO 10. Florianópolis/SC, 2013. Disponível:

http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1386787802_ARQUIVO_TaniaMar_aCruz.pdf

CUNHA, Susana Rangel Vieira da. Desenhos de meninos e meninas: relações entre imaginário e gênero FAZENDO GÊNERO 8. Florianópolis/SC, 2008. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST10/Susana_Rangel_Viera_da_Cunha_10.pdf

FINCO, Daniela. Socialização de gênero na educação infantil. FAZENDO GÊNERO 8. Florianópolis/SC, 2008. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST10/Daniela_Finco_10.pdf

LEITE, Jaciara Oliveira; FREIRE, Juliana de Oliveira. Relação de gênero nas escolas: um estudo sobre as intervenções nas aulas de educação física no centro de ensino fundamental da Vila Planalto – DF. FAZENDO GÊNERO 8. Florianópolis/SC, 2008. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST10/Leite-Freire_10.pdf

MARANGON, Davi; BUFREM, Leilah Santiago. A experiência escolar cotidiana e a construção do gênero na subjetividade infantil. 33ª REUNIÃO ANUAL DA ANPEd. Caxambu/MG, 2010. Disponível em: <http://33reuniao.anped.org.br/33encontro/app/webroot/files/file/Trabalhos%20em%20PDF/GT23-6401--Int.pdf>

MEIRELES, Gabriela Silveira. Infância e poder: marcas das relações de gênero na escola. FAZENDO GÊNERO 8. Florianópolis/SC, 2008. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST10/Gabriela_Silveira_Meireles_10.pdf

_____. O que dizem as crianças sobre meninos e meninas?: anunciando o jogo das construções, desconstruções e reconstruções das dicotomias de gênero na educação infantil. 32ª REUNIÃO ANUAL DA ANPEd. Caxambu/MG, 2009. Disponível em: <http://32reuniao.anped.org.br/arquivos/trabalhos/GT23-5294--Int.pdf>

MIRANDA, Amanaiara Conceição de Santa. SOUZA, Ângela Maria Freire de Lima e. Na creche e na pré-escola: práticas pedagógicas diante de manifestações da sexualidade infantil. FAZENDO GÊNERO 10. Florianópolis/SC, 2013. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1384443444_ARQUIVO_AmanaiaraConceicaodeSantanaMiranda.pdf

MULLER, Juliana Costa; KNAUL, Ana Paula. Mídia e sexualidade: articulando propostas pedagógicas para uma educação infantil emancipatória. FAZENDO GÊNERO 10. Florianópolis/SC, 2013. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1385567150_ARQUIVO_JulianaCostaMuller.pdf

ODININO, Juliane Di Paula Queiroz; MININI, Vanda Cristina Moro. A cultura midiática na educação infantil: compartilhando experiências com meninos e meninas. 34ª REUNIÃO ANUAL DA ANPEd. Caxambu/MG, 2011. Disponível em: <http://34reuniao.anped.org.br/images/posteres/GT07/GT07-650%20int.pdf>

PACHECO, Joice Oliveira. Canções infantis: lazer e pedagogia heteronormativa na educação infantil. FAZENDO GÊNERO 8. Florianópolis/SC, 2008. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST10/Joice_Oliveira_Pacheco_10.pdf

PAZ, Cláudia Denis Alves da. Dia das mães e dia dos pais: gênero e família na escola FAZENDO GÊNERO 9. Florianópolis/SC, 2010. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278298586_ARQUIVO_ClaudiaDenisAlvesDaPaz_FG9.pdf

_____. Gênero no trabalho pedagógico da educação infantil. FAZENDO GÊNERO 8. Florianópolis/SC, 2008. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST10/Claudia_Denis_Alves_Paz_10.pdf

PICCOLO, Gustavo Martins. Educação infantil: análise da manifestação social do preconceito na atividade principal de jogos. **Educ. Soc.**, v.32, n. 114, p.205-22, jan./mar., Campinas, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v32n114/a13v32n114.pdf>

PRANGE, Bruna; BRAGAGNOLO, Regina Ingrid. As singularidades das crianças pequenas expressas nas suas brincadeiras. **Educ. Real.**, v. 37, n. 1, p. 251-271, jan./abr., Porto Alegre, 2012. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/15958>

RICHTER Ana Cristina; VIEIRA, Carmem Lúcia Nunes; GONÇALVES, Gisele Carreirão; BOAVENTURA, Patrícia Luiza Brener. Questões de gênero na pequena infância institucionalizada: um estudo em práticas de Educação Física FAZENDO GÊNERO 8. Florianópolis/SC, 2008. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST10/Richter-Vieira-Goncalves-Boaventura_10.pdf

SALGADO, Raquel Gonçalves; FERRARINI, Anabela Rute Kohlmann; LUIZ, George Moraes DE. Crianças mirando-se no espelho da cultura: corpo e beleza na infância contemporânea. 35ª REUNIÃO ANUAL DA ANPEd. Porto de Galinhas/PE, 2012. Disponível em: http://35reuniao.anped.org.br/images/stories/trabalhos/GT07%20Trabalhos/GT07-2261_int.pdf

SILVA, Isabel de Oliveira e; LUZ, Iza Rodrigues da. Meninos da Educação Infantil: o olhar das educadoras sobre diversidade de gênero. **Cadernos Pagu**, n. 34, jan./jul. p. 17-39, 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332010000100003&script=sci_abstract&tlng=pt

SILVA, Marta Regina Paulo da. “Os dois são a Mônica, menino e menina”: reproduzindo estereótipos, transgredindo fronteiras de gênero. FAZENDO GÊNERO 10. Florianópolis/SC, 2013. http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1386739814_ARQUIVO_MartaReginaPaulodaSilva.pdf

VIANNA, Cláudia; FINCO, Daniela. Meninas e meninos na educação infantil: uma questão de gênero e poder. **Cadernos Pagu**, n. 33, jan./jul., p.265-283, 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332009000200010&script=sci_arttext